MEMORIA

SOBRE

AS COLONIAS DE PORTUGAL,

SITUADAS NA COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA.

MEMORIA

SOBRE AS

COLONIAS DE PORTUGAL,

SITUADAS

NA COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA,

MANDADA AO GOVERNO

PELO ANTIGO GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL DO REINO DE ANGOLA,

ANTONIO DE SALDANHA DA GAMA,

EM 1814,

PRECEDIDA

DE UM DISCURSO PRELIMINAR, AUGMENTADA DE ALGUNS ADDITAMENTOS E NOTAS, E

DEDICADA, EM SIGNAL DE GRATIDÃO,

Aos Eleitores do Circulo Eleitoral de Vianna do Minho,

Pelo antigo Ajudante d'ordens d'aquelle Governador.

PARIZ,

NA TYPOGRAPHIA DE CASIMIR,

RUA DE LA VIEILLE-MONNAIE, Nº 12.

1839.

DISCURSO PRELIMINAR.

As Colonias que ainda restam a Portugal nos velhos continentes e mares de Africa e Asia, sam monumentos da nossa antiga gloria, portentos espantosos da gigantesca força, diligencia, e perseverança da antiga gente portugueza, que acabrunham a nossa pequenez, e insultam a nossa actual indolencia. Seria pôr o ultimo remate á nossa degeneração, deixar anihilar aquelles estabelecimentos, que se não estiveram feitos, não haveria hoje Portuguez que ousasse imaginâ-los, e menos emprehender a sua execução, sem correr o risco de passar por visionario ou mentecapto.

Fallando unicamente de Angola, que pessoalmente conhecemos, quem se lembraria hoje em Portugal de ir fundar uma cidade, fortificações consideraveis, como a de S. Miguel, a de S. Pedro da Barra, a do Penèdo, a 8º alem do equador, levando de Lisboa a cantaria e os materiaes necessarios para tão por-

tentosas obras? Feitos taes que assombram e confundem a nossa apoucada intelligencia, não seriam cridos se não estivessem patentes, accusando a nossa pusilanimidade, e provando a pouca fé que damos áquillo que é superior á nossa fraqueza, ou que parece impossivel á nossa vontade.

Eram os Portuguezes de então gigantes em todo o vigor da virilidade, e em comparação d'elles somos nós pigmeos decrepitos, com as molas da alma bambas e podres para grandes cousas, e só ainda assáz fortes para encherem nossos corações do fel da inveja, e do ignobil e funesto ciume da superioridade alhea. Immensa é a differença entre uns e outros! A nação, em seu decaïr, passou a meta do seu estado natural, ou como hoje se diz, do seu estado normal, que é aquelle que deve competir-lhe em rasão da extensão e qualidade de seu territorio, e dos elementos intrinsecos de força, de grandeza, e de consideração de que é dotada pela natureza.

É para este estado que ella deve aspirar de voltar, e não para o mais brilhante e seductor do seu heroismo, estado de fevre e de glorioso enthusiasmo, mas por isso mesmo violento e passageiro. Foi este um bello sonho, de que

hoje acordamos em uma triste e affrontosa realidade, de que é mister saïr a todo custo. Mas devemos ter sempre na memoria que o melhor é o inimigo do bem, como dizem os Francezes, e que nada ganharemos em correr após de chimeras enganadoras, que nos desgarram da vereda que conduz á prosperidade. Estas epochas de preeminencia splendente, de preponderancia extraordinaria das nações, fundadas em uma superioridade de intelligencia e de actividade, e favorecidas por circunstancias casuaes, sam phenomenos raros, e que não se reproduzem. As ventagens que d'ahi resultam, o orgulho que ellas criam, e as prepotencias a que levam as nações que d'ellas gozam, bem depressa excitam o ciume e a rivalidade dos outros povos, os quaes, se por acaso sam superiores a outros respeitos, não só adquirem em breve, por estes incitamentos, as qualidades que constituiam a superioridade das outras nações, e acabam assim com o monopolio de preeminencia d'ellas, mas pelo impulso que para isso se dam, e pelo balanço que tomam, chegam logo a excedê-las, e a deixâ-las atraz em estado de inferioridade.

Tal foi a sorte de Portugal, e console-se elle,

que a mesma tiveram as grandezas ephemeras de Tyro, Athenas, e Carthago na antiguidade; de Veneza, Genova, Pisa, Florença, e Liga Anseatica na meia idade; de Hollanda nos tempos modernos, e a mesma terá a da opulenta Inglaterra, que nada no mundo é exempto de perecer. Verdade é que a decadencia inevitavel da Gram Bretanha não a levará ao ponto extremo de nullidade e de abatimento, a que a perda de sua superioridade occasional, reduziu aquelles povos famosos; porque tem ella em si elementos internos e indestructiveis de grandeza, possue uma situação admiravel, que a defende das incursões e das influencias perniciosas do estrangeiro, e que fomenta e conserva sempre vigoroso o espirito de nacionalidade de seus habitantes, e finalmente goza de um clima, que ao mesmo tempo que não impede as producções da agricultura, e a riqueza de armentios, é assáz rude para manter o vigor dos homens, e os forçar a uma luta constante, que os impede de caïr em uma fatal indolencia.

Taes sam as compensações da natureza! Nós que gozamos de clima mais benigno, e mais spontaneamente productivo, somos por isso naturalmente mais inertes, mais negli-

gentes, atemo-nos ás prodigalidades gratuitas do nosso rico solo, e facilmente nos deixamos adormecer em funesto desmazelo. A nossa actividade carece de mais constante e reflectido esforço, e por isso é ella tambem mais meritoria.

Forte é hoje o incentivo; pois qual será o Portuguez que não se envergonha, que não sinta uma nobre indignação, á vista da nossa inferioridade, da nossa nullidade, dos improperios ignominiosos, do desprezo desdenhoso com que somos tratados pelas nações da Europa, outrora nossas inferiores! Cuidemos pois sem demora de nos rehabilitar, de saïr de tão abjecto estado, e de recuperar no gremio das nações o posto e a consideração que nos competem. Para isso porèm é necessario que tenhamos um bom governo, e sobre tudo um governo estavel e não em perpetuo tirocinio, com força sufficiente para domar as facções, para restabelecer a perdida unidade e harmonia nacional, e para fazer conspirar todas as forças intellectuaes e materiaes da sociedade para o fim commum da publica prosperidade.

Mas não basta que tenhamos um bom governo, que este seja alheio a sordidas intrigas, que se não deixe levar nem dominar pela omi-

nosa influencia de conciliabulos tenebrosos, e que obre em uma sphera de inteira independencia, sem reconhecer outro mando que o da virtude e da sabedoria, nem ter outro fito que o bem geral; é tambem necessario que elle seja coadjuvado pelos esforços simultaneos de todos os Portuguezes, e não contrariado, desalentado, espicaçado, calumniado pelas incessantes vociferações da ambição presumpçosa, ou da ignorancia atrevida e envejosa. Acabem por uma vez as stereis controversias e alambicadas subtilezas da politica dogmatica, origem sómente de odios e deploraveis discordias, e triste imagem das disputas mysticas, que tão fataes foram tambem ao imperio grego. Façamos em vez d'isso alguma cousa verdadeiramente util e proveitosa á nação (1).

(1) Citaremos a este respeto as expressões de um escriptor judicioso : « Longtemps abusé par de creuses théories sur la « pondération des pouvoirs, par des sophismes de métaphysi- « que politique renouvelés des Grecs du Bas-Empire, le peu- « ple est maintenant devenu incrédule comme saint Thomas, « il a désormais besoin de voir et de toucher pour croire à la « loyauté des partis, au bon vouloir du gouvernement et des « administrations municipales; ce qu'il désire avant tout au- « jourd'hui, c'est que la prière qu'il répète depuis tant de « siècles soit enfin exaucée : il veut être délivré du mal, « c'est-à-dire de la misère. »

(*Journal des Débats*, septembre 1838.)

Quaes serão porèm os meios adequados para livrar o povo portuguez da miseria e do abatimento em que se acha, e para restabelecer a monarchia no lugar que lhe compete na grande jerarchia dos estados independentes? Sobre isto daremos a nossa opinião, com convicção, mas sem presumir da infallibilidade, deixando á Memoria a parte das Colonias de que specialmente se occupa, e tratando sómente de dous objectos com alguma extensão: industria fabril, e estradas.

Mui limitadas sam as precisões dos povos errantes, quer caçadores, quer pastores. Poucos utensilios, algumas armas, grosseiro vestuario, cabanas informes de terra, de ramagens, ou barracas ambulantes de pelles cruas, é tudo quanto elles necessitam. A sua riqueza, a sua felicidade consiste na posse e na fruição d'estas poucas cousas, de facil producção.

Passando ao estado fixo de agricultores, os povos tem logo mais numerosas precisões, porèm sam ellas ainda a principio poucas e singelas. Os productos da terra e dos gados, com grosseiro e tosco amanho, bastam a satisfazêlas.

A' medida que estas sociedades prosperam, vam-se insensivelmente complicando as pre-

cisões, e formando as desigualdades de fortuna, que sam o estimulo natural do progresso da riqueza geral; porque os homens mais abastados, gozando de mais commodos da vida, ou para melhor dizer, livrando-se a principio de maior numero de incommodos e privações, excitam os outros ao trabalho e á diligencia, para grangearem as mesmas ventagens.

Assim se vam pouco a pouco formando as riquezas, augmentando as necessidades facticias, e originando o luxo, *que é a exageração das necessidades facticias, ou o ponto extremo d'ellas, em um estado determinado e fixo da sociedade.*

Digo em um estado determiuado e fixo da sociedade, porque a despeito das leis sumptuarias, e como para provar a vaidade ou a natureza ephemera de suas disposições, muitas cousas que em uma epoca sam de luxo, em outra se tornam de necessidade facticia; e hoje mesmo estamos vendo gente de poucos teres, gozando de comodidades e confortos da vida, não sonhados nos tempos mais remotos, ou que nos mais modernos, passaram por superfluidades exclusivas da opulencia. Com effeito as necessidades absolutas e indispensaveis

a pouco se reduzem : alimento simples e frugal, e defesa grosseira e incompleta das inclemencias da atmosphera. *Tudo o que não é strictamente necessario para a conservação da vida sam precisões facticias, as quaes sam o estado primitivo do luxo, do mesmo modo que o luxo vem depois a ser muitas vezes o estado primitivo das precisões facticias.*

Illustremos esta doutrina com um exemplo tirado da historia de França.

Quando Philippe IV, chamado o Bello, foi visitar os estados de Flandes, que atraiçoadamente tomára ao infeliz conde Guy de Dampierre no anno de 1299, levou comsigo a Rainha Joanna sua sposa. Chegando a Bruges, ficou esta senhora aturdida e vexada com a sumptuosa magnificencia que observou nas damas d'aquella cidade, e em seu despeito exclamou assim ; « Cuidava eu que seria aqui a unica Rainha; mas vejo nesta cidade para mais de seiscentas mulheres, que poderiam disputar-me esta qualidade pela riqueza de seus trajos (1). »

E que diriam os barões e paladinos francezes d'aquella idade se hoje ressuscitassem, e

(1) Anquetil, *Histoire de France*, tom. II, pag. 265.

vissem o vestuario, as iguarias delicadas, as casas agazalhadas, limpas e adornadas, a mobilia commoda e numerosa, as magnificas carruagens publicas, em summa os confortos e prazeres de toda sorte de que gozam os villãos, os humildes peões de seu tempo (1)?

Bruges era então o centro da industria da Europa, e capital de um pequeno estado, que tambem gozou por muito tempo de uma preeminencia brilhante, devida á superioridade ou ao estado mais avançado da intelligencia e da industria de seus habitantes. A' Rainha Joanna se afigurava por tanto luxo desen-

(1) Para completar o termo de comparação ajuntaremos aqui os extractos que o autor citado nos dá da Lei sumptuaria promulgada pelo mesmo rei Philippo o Bello. Quanto á comida, as disposições d'aquella Lei eram as seguintes : « Nul « ne donnera au grand mangier, que deux mets et un potage « au lard, sans fraude; et au petit mangier, un mets et un « entremets. Les jours de jeûne, deux potages aux harengs « et deux mets, ou bien un potage et trois mets. Dans ces « jours, il n'y aura qu'un seul repas. On ne mettra dans cha- « que écuelle qu'une manière de chair ou de poisson. Le fro- « mage n'est pas un mets, s'il n'est en pâte ou cuit à l'eau. » Quanto ao vestuario, a Lei ordenava que os duques e os condes mais ricos, e suas mulheres, não teriam mais de quatro vestidos por anno, dous os cavalleiros, um os filhos familias, e o mesmo as damas cazadas ou solteiras que não possem castellãas. *Ibid*, pag. 297 e 298.

freado o que em Bruges parecia provavelmente simples satisfação das necessidades facticias da opulencia (1).

Um dos criterios que mais distinguem o que hoje se chama civilisação, é a multiplicidade e a vulgarisação das necessidades facticias, ou a transformação d'ellas em necessidades verdadeiras; e pode dizer-se que *a civilisação moderna está na razão directa d'aquella multiplicidade e vulgarisação, ou d'aquella transformação; e por consequencia, que uma nação é tanto mais civilisada, quanto maior é o numero de taes necessidades, a que mais geralmente satisfaz* (2).

(1) Veja-se a nota A no fim da *Memoria*.

(2) Observaremos de corrida, que a multiplicação das necessidades facticias, contribue directa e efficazmente para a conservação da paz, e vai aproximando as nações da Europa do estado ideal da paz perpetua. Com effeito, as guerras dos povos que tem muitas d'aquellas necessidades, sam por isso mesmo extremamente dispendiosas e difficeis, e conseguintemente não sam movidas sem causa muito urgente e justificativa. Comparem-se, por exemplo, as enormes bagagens de um exercito inglez, os embaraços e as despezas exorbitantes de um tal exercito, com o diminuto trem de um exercito hespanhol, e o modico dispendio que occasionam as suas operações militares, e ter-se-ha uma idea das razões que obrigam necessariamente o governo britanico, a ser mais circunspecto e renitente que o governo hespanhol, em mover guerras.

Se com este criterio aferirmos o estado de Portugal, e o compararmos com o dos outros povos da Europa, com poucas ou nenhumas excepções, veremos com magoa e confusão o nosso deploravel atraso, a nossa inferioridade relativa. Não é para este logar a investigação das causas que nos levaram a este estado de abatimento, as quaes foram muitas, variadas e complexas: trataremos sómente de apontar succintamente os meios que nos parecem adequados para nos colocarmos a par das outras nações, sem que presumamos de haver descoberto a pedra philosophal.

O problema a resolver, segundo o que fica dito, pode reduzir-se ao enunciado seguinte:

Alem d'isso a satisfacção completa de necessidades facticias numerosas, exige a continuação do trato mercantil das nações, cuja interrupção pela guerra, occasiona a impossibilidade d'aquella satisfação, e dá motivo a descontentamentos populares, tanto mais perigosos quanto maior é o numero e a importancia das privações. É evidente que todas estas considerações sam pêas, que a civilisação moderna tem posto aos animos bellicosos, e á ambição dos conquistadores civilisados. Fazendo applicação d'esta theoria, direi estar persuadido de que a carencia, quasi total, de necessidades facticias em Hespanha, é uma das causas principaes da duração da cruel guerra civil, que assola aquelle desgraçado paiz, e da possibilidade da sua prolongação indefinida.

« *Procurar ao maior numero de povo a satis-*
« *facção do maior numero de necessidades fac-*
« *ticias, ou de necessidades verdadeiras da ci-*
« *vilisação moderna.* »

Para o conseguir um meio sómente se apresenta, e vem a ser : « *Promover efficaz e judi-*
« *ciosamente muitos e variados ramos de pro-*
« *ducção e de industria, para assim obter o*
« *desenvolvimento e o emprego de todas as in-*
« *telligencias, de todas as faculdades, de todos*
« *os meios, de todas as variadas aptidões do*
« *povo para differentes e variados trabalhos.* »

A experiencia mostra que as nações que se limitam a poucas species de trabalho e de producção, inda quando sam favorecidas pela fertilidade e riqueza de seu territorio, permanecem sempre pobres, stacionarias e privadas de grande numero dos gozos e confortos da civilisação moderna. As causas d'isso parecem muitas, e sem pretendermos apontalas todas, fallaremos d'aquellas que nos occorrerem.

Poucos generos de producção, inda supponde que ella seja consideravel, alem de não occuparem senão um numero limitado de braços, não offerecem emprego senão a intelligencias e aptidões laboriosas de poucas e de-

terminadas species, e assim deixam ociosos e sem trabalho, alem de outros, os individuos que não possuem as faculdades necessarias para taes trabalhos, ou que para elles sentem uma invencivel repugnancia. D'aqui vem o grande numero de vadios, de miseraveis proletarios, que abundam em alguns paizes, alias pouco povoados, e d'aqui resultam tambem as emigrações de gente de taes paizes, que em vão se pretendem atalhar directamente por meios coercivos e penaes, como outrora se pretendeu obstar á saïda da moeda metalica por inuteis e absurdas disposições legaes. As enormes emigrações dos povos barbaros, que inundaram a Europa nos primeiros seculos do christianismo, foram sem duvida motivadas por causas similhantes. Os homens não se expatriam, não se desterram voluntariamente, senão quando na patria lhes faltam os meios de ganhar a sua subsistencia; e d'aqui resulta que o remedio efficaz contra as emigrações consiste em lhes procurar esses meios, e não em força-los a morrerem de fome e de miseria dentro da patria.

As industrias reagem umas sobre as outras, influem-se reciprocamente, e tem entre si uma correlação tal de mutua dependencia,

que a existencia e prosperidade de uma, vem a produzir naturalmente a existencia e prosperidade de outras. Assim, por exemplo, o estabelecimento de uma grande fabrica em qualquer logar, fomenta logo em torno d'ella a agricultura, dá origem ás officinas diversas, que exige a confecção e o continuo reparo dos ustensilios necessarios á fabrica, augmenta a população e o valor das propriedades, offerecendo áquella, novos meios de ganhar pelo trabalho uma subsistencia segura, e abrindo a estas um mercado mais amplo, mais proximo, e mais vantajoso para a venda de seus productos.

A população simplesmente agricultora é necessariamente diminuta, porque poucos homens bastam para a producção de fructos sufficientes para o sustento de muitos. Em Inglaterra propriamente dita aquella população é de 2:975.000, em 14:118.986 habitantes, ou proximamente 1/5 da população total (1). Ora indaque em Inglaterra se consommem alguns cereaes estrangeiros, estes apenas fornecem o sustento de poucos dias á população total; alem de que as importações de cereaes,

(1) *Statistique générale*, pag. 76. Paris, 1838.

sam por ventura mais que compensadas pelas exportações de queijos, manteigas e outros productos da industria agricola. Pode pois dizer-se, que em Inglaterra, um agricultor basta para produzir o sustento de cinco individuos. Mas é tambem evidente que esses cinco individuos, ou não existiriam, ou seriam miseros e lastimosos vadios, se lhes faltassem outros meios de poderem empregar as suas faculdades laboriosas, e de permutar o seu trabalho pelo do agricultor, e dos productores, na forma de objectos ou de serviços necessarios á satisfação de suas precisões vitaes e sociaes.

A Inglaterra é sem contradicção o paiz que tem o maior commercio externo, e em cuja riqueza elle entra em proporção maior que na de outro qualquer paiz. Apezar d'isso o valor d'este commercio computado em francos é de. . . . . 1140 milhões
entretanto que o do commercio
interior de consummo é de. . 8201 »
ou mais de oito vezes superior ao do commercio exterior de exportação (1). D'aqui se ve que nos elementos da prosperidade, ou da riqueza circulante da Inglaterra, o commer-

(1) *Statistique générale*, 75.

cio exterior de exportação entra como 1, e o commercio interior de consummo como 8.

Este enorme giro do commercio externo da Inglaterra é sem duvida devido á multiplice variedade dos productos da industria geral, que promove e facilita as permutações do trabalho, na forma d'aquelles productos; parecendo evidente que quanto maior fôr a diversidade e o numero d'elles, tanto maior será tambem o numero das combinações de suas reciprocas permutações, e o valor consequente do commercio interno.

O que temos dito nos parece sufficiente para mostrar a grande importancia de promover em Portugal muitos e variados ramos de industria e de producção. O nosso solo é sem duvida fertilissimo, os seus productos sam preciosos, e a natureza como que indica que a agricultura deve ser o primeiro e principal elemento da nossa riqueza. Temos tambem uma costa extensa, excellentes portos e rios, susceptiveis de grandes melhoramentos, e uma numerosa população maritima, porque Portugal, a bem dizer, é uma faxa littoral. Indica por tanto tambem a natureza que devemos ser uma nação maritima e commercial. Possuimos bastantes minas, e não devemos seguramente

desprezar esta fonte de prosperidade. Mas a agricultura, a navegação, o commercio, a mineração não devem tolher-nos de cultivar os outros e variados ramos de industria, que sam indispensaveis para perfazer os elementos de que se compoem a prosperidade complexa das nações modernas.

A industria fabril é uma das que entre nós se acham no mais deploravel atrazo, e que releva fomentar.

Em quanto possuimos o Brasil como colonia, o commercio exclusivo que com elle faziamos, servia de fomento á nossa industria; porèm ainda que a sustentava, o monopolio que a defendia, a privava ao mesmo tempo do efficaz estimulo da concorrencia, e a mantinha em um estado permanente de perniciosa immobilidade (1). Logo porèm que os portos do Brasil se abriram ao commercio estrangeiro, e mais ainda depois que aquelle paiz se separou da mãe patria, perdeu a nossa industria fabril (e a nossa industria rural) um dos apoios que a sustentavam. Esta perda porèm

(1) Nem sempre o monopolio produz este funesto effeito, e como exemplo, citaremos o tabaco, cujo fabrico em Portugal se tem aperfeiçoado não obstante o regime do estanque.

não foi instantanea, total, e absoluta; porque os antigos habitos, arraigados na população do novo Imperio, ainda por algum tempo favoreceram o consummo dos nossos productos nacionaes, e retardaram o complemento final dos effeitos da concorrencia estrangeira. Hoje póde julgar-se terminada a transição, e Portugal carece de adoptar outros meios de favorecer as suas manufacturas, de uma maneira mais permanente e judiciosa. « No systema economico dos povos modernos, diz um auctor de economia politica, não pode haver povo rico e poderoso sem possuir numerosas manufacturas (1). » O homem observador tem diante dos olhos muitas e evidentes provas da verdade d'esta sentença. Cumpre pois fomentar as manufacturas em Portugal; mas como?

A experiencia alheia pode invocar-se com proveito para a resolução d'este problema.

Como creou a Inglaterra a sua magnifica industria, senão com leis prohibitivas, com direitos protectores na importação, com bonificações ou *drawbacks* na exportação?

(1) Ganilh, *Dictionnaire analytique d'Économie politique*, art. *Manufactures*.

Quem deu o grande impulso á industria fabril do continente, paralysada pela preeminencia fabril da Inglaterra, e a levou ao rapido movimento de progresso em que se acha, senão o famoso bloqueio continental de Napoleão?

Não foi este extenso systema prohibitivo que deu tambem origem a uma nova producção, que naquelle tempo servia de texto aos epigramas e ás jocosas caricaturas, com que os Inglezes procuravam aturdir-se e disfarçar os funestos effeitos da maior de todas as hostilidades, que a colera inspirara ao seu grande adversario? E quem diria então que a humilde beterraba, lançada com desprezo e com a phrase sarcastica « *va te faire sucre!* » viria a ser um dia novo manancial de riquezas, a dar valor a terras incultas e estereis, a crear emfim novos ramos de industria rural e fabril, que hoje empregam utilmente tantos braços, tanto cabedal, e fornecem meios de subsistencia e de fortuna a tanta gente? Napoleão por certo que não previa distinctamente este resultado; mas o instincto prophetico do grande homem, a inspiração spontanea e irreflectida do genio superior, o impelliram involuntariamente a proteger uma industria, cujo brilhante

porvir apenas poderia presentir anuviado e confuso (1).

Muitos outros exemplos poderiam citar-se de resultados similhantes, porèm estes nos parecem sufficientes, e só accrescentaremos que a Inglaterra, que hoje prega aos outros com tão edificante zelo, o systema da liberdade absoluta do commercio, ainda para si o não adoptou, não obstante achar-se, pela prodigiosa accumulação de seus capitaes, pela sua preeminencia fabril, e por todas as outras vantagens que constituem a sua immensa superioridade industrial e mercantil, em estado de poder

(1) A cultura da beterraba cobre em França um espaço de territorio de 72.000 hectares. O numero das fabricas de assucar era de 581, em 1837, e esta industria empregava um capital de 60 milhões de francos, e 150.000 obreiros. Em 1836, produziram as fabricas 49 milhões de kilogramos de assucar, e no anno corrente de 1838 espera-se que o producto suba a 55 milhões de kil., que é mais de metade do consummo total da França, computado em 72 milhões de kil. O producto medio das terras entre Lille e Valenciennes, é de 55 mil kil. por hectar. A mesma industria se vai propagando rapidamente em toda a Alemanha, e no norte da Europa. Em Bohemia, cuja população é de 3:300.000 habitantes, o numero das fabricas de assucar de beterrabas é já de 95. Veja-se *Journal des Travaux de la Société française de Statistique universelle*, nº 8, février 1838, pag. 480, e *Journal des Débats* de 14 de outubro do mesmo anno.

arrostar impunemente com a competencia livre dos estrangeiros no seu mercado interior.

Se os exemplos provam que a industria fabril se cria por taes meios, o raciocinio mostra que só por elles se pode criar. Com effeito o estabelecimento de uma nova fabrica exige o emprego de grandes capitaes, um longo tyrocinio dos operarios, em summa grandes despezas, cujo proveito sómente deve realisar-se em um futuro remoto. É pois evidente que nenhum capitalista empregará o seu cabedal em taes emprezas, sem ter a certeza previa de poder contar com esse proveito. Ora sendo necessariamente os primeiros productos de uma nova manufactura imperfeitos e caros, é evidente que não poderão elles sustentar a concorrencia livre com outros da mesma specie, provenientes de fabricas já chegadas ao termo de sua perfecção. Com a liberdade absoluta de commercio é pois manifestamente impossivel o estabelecimento de novas manufacturas, sob pena da ruina infallivel do imprudente capitalista que se lançar em similhantes emprezas.

Não ignoro os argumentos dos economistas, que reprovam as medidas prohibitivas, e os direitos protectores. Dizem elles :

1º Que as prohibições equivalem a um monopolio, estabelecido a favor do fabricante, contra o consumidor; e os direitos protectores, a um tributo lançado sobre a nação toda, em proveito de poucos individuos;

2º Que não se podendo comprar os productos do trabalho estrangeiro sem pagar o preço d'elles, nem tão pouco effeituar esse pagamento por muito tempo senão com os productos do trabalho nacional, as importações sam, em derradeira analyse, a troca do trabalho nacional pelo trabalho estrangeiro; troca igualmente vantajosa aos dous contrahentes, ao consumidor, e ás industrias dos paizes respectivos;

3º Que o interesse individual é o melhor guia na escolha do trabalho mais proveitoso, e que a liberdade basta para que os capitaes corram infallivelmente para as emprezas mais lucrativas e favoraveis ao augmento da riqueza geral;

4º Que o interesse do consumidor, pela sua maior generalidade, deve sempre ser preferido ao interesse mais restricto do productor;

5º Finalmente que assim como um chefe de familia avisado, não faz em sua casa aquillo que lhe saíria mais caro de fazer que de com-

prar, não póde ser insania no governo de uma nação, o que é prudencia no de uma familia.

Estes argumentos com quanto sejam speciosos, não resistem a uma analyse sisuda.

Concedemos o primeiro; mas ajuntaremos, que o mònopolio, ou o tributo protector de que se trata, sam unicamente males temporarios de pouca dura, para obter bens permanentes. Digo temporarios, porque não devem durar mais que o tempo rigorosamente necessario para levar a industria favorecida ao ponto de poder concorrer com a estrangeira da mesma especie, de produzir pelo menos com igual perfeição e barateza, ou de offerecer o desengano de que ella não se arraiga no paiz, nem poderá nelle chegar nunca ao termo indicado.

A harmonia que preside ás differentes leis da natureza apresenta a cada passo relações de comparação e similhança, entre cousas aliás entre sí mui disparatadas. Taes sam as que nos parece existirem entre uma fabrica em seu principio e seu desenvolvimento, e uma criança. Esta quando nasce, carece de carinhoso amparo, do tratamento mais desvelado, para poder vencer os perigos que ameaçam a sua debil e mal segura existencia. Pouco a pouco

suas forças vam crescendo, mas seus primeiros passos carecem ainda de apoio alheio. Logo seu corpo se equilibra, e sua marcha deixa de ser vacillante, nem já precisa mais de estrânho arrimo. Finalmente chega a idade da emancipão, e o homem é então de todo abandonado ás suas proprias forças, e ao cuidado e direcção de si mesmo.

Assim acontece á fabrica. Se em seus principios lhe falta uma protecção desvelada e efficaz, a fabrica perece. Logo que ella póde marchar livre e desempeçadamente, já não carece do mesmo apoio. Finalmente não carece ella de nenhum quando chega ao termo de sua maioria, que é aquelle estado de adiantamento e de força, no qual a concorrencia estrangeira, longe de lhe ser perjudicial, provocará pelo contrario uma proveitosa rivalidade, servindo de incitamento a melhoramentos e aperfeiçamentos progressivos.

Devem pois ser as prohibições, e os direitos protectores, de duração temporaria, e pouco a pouco modificados, de modo que a prohibição passe para direito protector, e este vá successivamente diminuindo, na razão do progresso da manufactura protegida, até ser a final de todo abolido.

Confessamos que é um mal, mas um mal sómente passageiro, e por meio do qual se obtem um bem permanente. O não obter este bem, é em nossa opinião, um mal infinitamente maior, e a escolha entre os dous não nos parece admittir duvida.

Pessoas ha que vam mais longe, e que pretendem que, mesmo no caso de não ser nunca possivel produzir no paiz um artefacto qualquer por preço tão baixo como aquelle porque os estrangeiros o offerecem, a producção indigena deve todavia ser fomentada e preferida, como sendo então mesmo mais vantajosa ao interesse e á riqueza gèral, do que a importação e o consumo de artigo estrangeiro mais barato; por quanto, dizem elles, sendo o trabalho a origem das riquezas, sustentar o trabalho estrangeiro em vez do trabalho nacional, é evidentemente empobrecer-se para enriquecer os estrangeiros. Não admittirei eu com tudo a verdade d'esta these, que todavia talvez não seja inteiramente falsa dentro de certos limites. Persisto porèm em crer que é util e necessario promover judiciosamente todos os ramos de industria, cuja implantação no paiz não apresente impossibilidade evidente e insuperavel, começando pelos de mais facil estabele-

cimento, por aquelles que a natureza mesma parece apontar em suas producções, e nas proporções favoraveis que o paiz offerece, preferindo finalmente os que produzem objectos de mais geral consummo e utilidade. Déve o governo pois promover com intelligencia e madura circunspecção, e ficar sempre alerta, seguindo cuidadosamente os progressos da nova industria, para reconhecer o momento em que lhe cumpre modificar o meio de protecção, ou abolî-lo inteiramente.

A' segunda e terceira objecção responderemos conjunctamente.

É indubitavel que não se compra sem pagar, e que o paiz que pagasse só com moeda, em breve ficaria exhausto e impossibilitado de fazer novas compras. Continuando pois estas, é claro que o pagamento se faz em productos do trabalho nacional. Mas todo o trabalho não é igualmente proficuo, e póde accontecer (como estou persuadido que acontece entre nós), que a liberdade do commercio seja um obstaculo invencivel a trabalhos mais lucrativos que os que ella sustenta. Neste caso o interesse individual não tem escolha senão *entre os trabalhos possiveis nas circunstancias existentes*, e d'estes preferirá naturalmente

para emprego de seus capitaes, aquelle que lhe parecer de maior proveito. Mas nem por isso deixa de ser certo que a liberdade é então o obstaculo que se oppõem a outro emprego mais lucrativo, e que cumpre remover, a despeito da magica fascinação da palavra, porque no estado social, a liberdade que se oppõem ao bem geral, é anarchia. A liberdade, no caso de que tratamos, é a que tem o estrangeiro para vender, e não a que tem o nacional para produzir, a qual é restricta aos unicos objectos, cuja producção é possivel sem perda, isto é áquelles cujo monopolio, ou cuja protecção é obra da natureza; que tambem ella concedeu exclusivos em beneficio do trato geral do genero humano. Ora, chamar a isso liberdade, é uma amarga ironia, ou uma inversão extravagante de idéas e de palavras.

Quanto ao principio do *laissez faire*, tem elle tido grande voga, e numerosos sectarios, nem podia deixar de assim ser, porque difficil seria descortinar outro aphorismo mais commodo e anodino para a preguiça e para a incapacidade. Elle dispensa do saber, da habilidade, da diligencia, do trabalho, e franqueia o accesso do poder e da suprema administração a todas as ambições, por mais burlescas e insa-

nas que ellas sejam. Deixar-se ir ao som da agoa, ou deixar ir tudo pela agua abaixo, é cousa na verdade mui facil, e cuja execução póde ser confiada a todos os talentos; porém isso não é governar. Governar suppõe acção activa e não passiva; deixar fazer é a negação de governar. Ora um dos multiplices deveres do governo consiste em dirigir e encaminhar os interesses particulares, de modo que todos converjam para o interesse geral, em mondar e desempachar o terreno de plantas nocivas para que nelle possam brotar e medrar todos os germes da publica prosperidade. Sem duvida que muito poderá elle confiar do interesse particular, e que se pretender sujeitar tudo a uma direcção inflexivel, ou a regras mesquinhas e oppressivas, cairá em outro erro não menos deploravel. Mas entre deixar fazer ás cegas, e confiar no apoio que offerece o potente mobil do interesse particular, a distancia é immensa, e o logar do governo não deve ser em nenhum dos dous extremos.

O interesse do consumidor deve seguramente, por sua maior generalidade, ser preferido ao interesse mais restricto do productor; mas : 1º o governo não tem que attender só ao interesse do consumidor actual, mas tam-

bem ao do consumidor das gerações futuras; porque o governo dirige os negocios da nação, que não morre, e não da geração presente sómente, que tem uma existencia passageira. Segue-se que elle deve tambem attender ao bem futuro da nação, e não sacrificar os vindouros ao egoismo dos presentes. Se outros principios predominassem, quem plantaria uma oliveira? Ora o que em um particular seria justamente censurado como criminoso desleixo, desnatural desamor da sua descendencia; em um governo seria mais criminoso ainda.

2º Raras serão as industrias que careçam para sua completa naturalisação, de um fomento que haja de durar mais de uma geração, e pelo contrario de quasi todas ellas gozará a mesma geração, que faz o pequeno sacrificicio de pagar temporariamente mais caro, em beneficio publico, o objecto que poderia talvez haver melhor e mais barato dos estrangeiros.

3º Este sacrificio será ainda menor do que á primeira vista se afigura; porque, como já observámos, as industrias tem entre si muitos pontos de contacto e de mutua influencia, de modo que a introducção de uma nova aug-

menta o valor dos productos das que já existiam. O estabelecimento de uma fabrica de pannos, por exemplo, dá logo maior valor ás lãas, aos fructos da terra, e aos muitos e diversos objectos de que a fabrica carece para seu andamento, para sustento de seus operarios, etc. As pequenas officinas que trabalham para a fabrica, produzem proporcionalmente os mesmos effeitos. Se pois por um lado o consumidor paga mais caro o novo producto da industria nacional, por outro vê tambem augmentados os seus lucros, ou as suas rendas, e estabelecida uma compensação, que, pelo menos a final, cobrirá exuberantemente o seu sacrificio.

A comparação do governo de uma familia com o de uma nação, não colhe, porque os interesses de uma familia e os seus meios de producção sam extremamente restrictos, e nenhuma paridade tem com os de uma nação, muito mais numerosos e extensos. O preço mais caro, como já mostrámos, não será permanente, antes pelo contrario deverá baixar pouco a pouco, até chegar a ser tão barato como o do mesmo objecto importado do paiz extrangeiro, e por ventura inferior.

Uma consideração nos accorre a favor da

industria fabril, que tambem nos parece digna de attenção.

Os trabalhos ruraes sam de sua natureza intermittentes, e não podem ser demorados nem differidos sem grave prejuizo, havendo epocas do anno em que elles demandam imperiosamente maior numero de braços, como sam as vendimas, as ceifas, etc. Os trabalhos fabris pelo contrario sam ordinariamente regulares, e podem soffrer, sem maior damno, interrupções e demoras. D'aqui vem que nas epocas dos grandes trabalhos ruraes, as fabricas podem fornecer braços á agricultura, do mesmo modo que nos tempos de sua folga, pode a agricultura fornecer braços ás fabricas. Esta mutação de serviços será evidentemente de proveito reciproco a estes dous ramos de industria, e salvará a agricultura portugueza do tributo annual que paga aos trabalhadores que naquellas epocas lhe vem do reino vizinho.

Parece-nos ter dito quanto basta para fazer ver quão pouco fundadas sam as objecções que se fazem ao systema prohibitivo e protector para a creação de novas industrias. Taes objecções seriam sómente justas, se todas as nações se achassem no mesmo gráo de civilisação, de riqueza, de intelligencia, de pericia

manual e fabril, e se todas ellas adoptassem simultaneamente o mesmo systema de liberdade absoluta de commercio, abolindo as alfandegas e barreiras, e permittindo indiscreminadamente todas as importações e exportações. É nesta hypothese, tacitamente admittida, que os autores de economia politica assentam aquellas objecções; porque a theoria que trata de regras geraes, não pode fundar-se em casos particulares, diversos e complicados. A applicação da theoria exige porèm uma consideração attenta de todas as circunstancias particulares do caso de que se trata, e o talento de modificar as regras geraes, congruentemente a essas circunstancias particulares; porque só assim poderá ella ser util, e deixar de produzir resultados não previstos, nem sonhados pelo applicador desattento.

Assim a nação que, achando-se em circunstancias de inferioridade, tiver a simpleza de adoptar a regra geral da liberdade do commercio, sem attender a essas circunstancias, será necessariamente victima da sua imprudente leviandade, em beneficio das nações que se lhe avantajarem. A igualdade entre cousas desiguaes não pode restabelecer-se por medidas iguaes, e portanto o bom senso ensina

que a nação inferior deve tratar de compensar a sua inferioridade por medidas desiguaes, que a protejam e defendam contra a superioridade dos estrangeiros. Pretender supprir estas medidas com patheticas lamentações, com jaculatorias de mysticismo patriotico, invocando o sentimentalismo nacional, para que hajam de preferir-se com piedosa abnegação as nossas saragoças, e os nossos chapeos de Braga, aos pannos e chapeos finos estrangeiros mais baratos, é uma inepcia ridicula, ou uma aberração do espirito exaltado pelo sentimento honroso e louvavel do amor da patria, que em seu enlevamento não vê que o interesse geral, mais remoto e menos palpavel que o interesse particular, perece sempre no conflicto. E ainda bem que assim é, porque esta especie de leis sumptuarias do patriotismo ascetico, bem como as verdadeiras, se sortissem completamente todos os seus effeitos, produziriam a immobilidade da nação na carreira do progresso, impediriam que as necessidades de luxo se transformassem em necessidades verdadeiras da civilisação moderna, e finalmente condemnariam o povo todo a vestir-se eternamente de saragoça e a usar de chapeos de Braga; austeridade sem duvida estupenda, mas que

seria indignamente apreciada nestes tempos actuaes de corrupção e de sensualidade (1).

Mas de que serviriam as fabricas, ou como poderiam ellas existir, se lhes faltassem as vias para o escoamento de seus productos? Sem facilidade e barateza de transportes e de meios de circulação, não póde haver commercio interno, nem fabricas, nem prosperidade geral (2).

Os rios, os canaes, as estradas, e os caminhos de um paiz, sam como as arterias e as ramificadas veias do corpo humano, que levam o sangue e a vida a todas as partes d'elle.

Sem boas e numerosas vias de comunicação, a prosperidade e a civilisação apenas pódem existir (e imperfeitas) em alguns pontos destacados, mas não disseminadas e distribuidas igualmente em todo o paiz. Para que este possa saturar-se ou embeber-se completamente de prosperidade e civilisação, é necessario que

(1) *Veja-se* a nóta B no fim da *Memoria*.

(2) É de presumir que as difficuldades e a grande carestia dos transportes, serviram em Portugal de defesa á industria do interior do reino, contra a mortifera concurrencia das mercadorias estrangeiras. Assim é possivel que os artefactos de Braga, de Guimaraes, etc., teriam desapparecido se a carestia dos transportes não augmentasse o preço dos estrangeiros da mesma denominação, a ponto de conservar aos nossos vantagem ou igualdade no mercado. Estranha protecção!

não tenha ponto algum obstruido á libre e geral circulação do commercio interno, e ao trato e communicação de seus habitantes.

Faltando bons meios de transporte os mercados sam limitados, a concurrencia não póde existir, e o progresso é impossivel.

A mesma falta obsta ao justo equilibrio dos preços, á repartição igual das subsistencias e das mercadorias no paiz, mantendo grande carestia d'ellas em um ponto, e excessiva barateza em outro, naquelle a falta que definha neste a exuberancia que suffoca.

Quando as communicações sam lentas, os capitaes parecem escaços, e o seu valor efficiente se augmenta á medida que ellas se tornam mais rapidas. Supponhamos, por exemplo, que a rapidez das communicações se torna dez vezes maior : um cruzado novo poderá então fazer dez operações, no mesmo espaço de tempo em que d'antes só podia fazer uma. Assim o valor efficiente de um cruzado novo nesta hypothese, será igual ao que d'antes tinha uma moeda. Logo a rapidez das communicações augmenta o valor efficiente do capital nacional circulante, o que equivale a um augmento real e effectivo do mesmo capital. E quem póde saber até que ponto será possivel

levar aquella rapidez? A applicação do vapor aos vehiculos locommotivos está apenas em seu principio, e o genio do homem, alentado pelos maravilhosos resultados d'aquella applicação, trabalha com ardor no descobrimento de novos inventos, de melhoramentos successivos, cujo termo é indefinido.

Alem da necessidade e utilidade de boas vias de communicação para a riqueza nacional, sam ellas tambem precisas para o andamento das instituições chamadas constitucionaes, e para que o povo possa ganhar-lhes amor e apego. Com effeito, no estado actual das estradas em Portugal, o homem que é obrigado, no interior do reino, a concorrer ás eleições, a comparecer como jurado, em uma palavra, a exercer, em logares distantes da sua morada habitual, as prerogativas que lhe attribue a lei fundamental, em vez de um direito precioso, só vê desgraçadamente nellas deveres arduos e vexatorios, que lhe occasionam a perda de muito tempo, o abando de seus trabalhos e de seus interesses particulares, grandes despezas, muitos incommodos; e tudo isto para alcançar um proveito immaterial, pouco palpavel, que a grande maioria do povo não comprehende, e conseguintemente não

aprecia. Isto é tanto assim que, segundo nos affirmou pessoa competente, nas ilhas dos Açores, onde todavia as estradas não sam peiores que em Portugal, muitos paes deixam já de mandar seus filhos ás escolas, para que a ignorancia lhes seja privilegio, e os exempte do exercicio dispendioso e oppressivo dos direitos constitucionaes (1). Quão diverso é um tal resultado d'aquelle que a theoria predizia!

A esta estranha causa de retrocesso fatal para a ignorancia, ajuntarei outra que tambem exige remedio prompto e efficaz.

Outrora havia em Portugal conventos disseminados no interior do reino, que espalhavam a instrucção, tal ou qual, mas sempre melhor que nenhuma, porque mais vale uma luz má que trevas. Hoje desappareceram os conventos, sem que se tratasse de suprir a sua falta por outros estabelecimentos de instrucção, como fizera o marquez de Pombal, quando suprimira os Jesuitas. A mocidade do interior do reino será portanto obrigada a ir

(1) Em Hespanha, onde a lei commina a perda dos direitos politicos aos devedores do estado, é constante que muitos Hespanhoes deixam de pagar a totalidade de suas contribuições para serem incursos naquelle castigo, que os livra dos deveres constitucionaes!

buscar longe a instrucção que á porta lhe falta; e como as viagens sam caras, difficeis, e incommodas em Portugal, boa parte d'essa mocidade ficará privada de ensino, em quanto durar o estado deploravel dos meios locomotivos no nosso paiz.

A falta de meios baratos e commodos de transporte mantem o espirito acanhado de localidade, as rivalidades perniciosas, já não digo sómente das provincias, mas mesmo das cidades, das villas, e até de insignificantes aldêas, impedindo a formação da unidade nacional, a benevolencia reciproca que deve animar todos os Portuguezes sem distincção de terras, para se coadjuvarem mutuamente, em vez de se empecerem por ciumes ridiculos, ou prejuizos e jactancias de naturalidade. O contacto repetido dos homens uns com os outros, resultado da facilidade, barateza, e commodidade das viagens, policïa as nações, alarga a sphera das idéas, dos affectos, dos interesses, e dissipa docemente os abusos e preoccupações, que se oppõem ao progresso e ao desenvolvimento do bem commum.

Não fallarei nas privações dolorosas que a falta de bons meios locomotivos occasiona em Portugal, privações que toda a gente experi-

menta : familias separadas por curtas distancias, que não pódem matar suas saudades, sem se dar tratos no antigo e cruel vehiculo chamado liteira, ou em chagada e chouteira cavalgadura, passando fomes, miserias, perigos, inclemencias, quasi como se viajara em terra de barbaros, e pagando ainda em cima estes tormentos por preços exorbitantes. Que vergonhoso contraste entre este viajar, e o viajar no resto da Europa, sem mesmo exceptuar a Russia! E quão maior não será ainda a desproporção, se comparamos os martyrios e a lentidão de uma jornada em Portugal, com os commodos e a rapidez de uma viagem por caminho de ferro (1)!

Em França, a extensão total das vias de communicação (estradas, caminhos, canaes, e rios navegaveis) é de 219.393 legoas medias; e sendo a superficie total do reino de 26.714 legoas quadradas, segue-se que a cada uma d'estas cabe para mais de 8 legoas de vias de communicação (2).

Na Belgia, da superficie total de 3:337.249 hectares, occupam os canaes e estradas

(1) *Veja-se* a nota C.
(2) *Statistique générale*, pag. 204.

102.879 hect., ou proximamente $\frac{1}{32}$ da superficie total. Em Hollanda esta relação é de $\frac{1}{21}$ (1).

Seria curiosa e instructiva a comparação de muitos elementos statisticos d'esta natureza; porèm ainda que elles nos faltam, não duvidamos affirmar, que de um tal parallelo resultaria a prova de que *as nações mais civilisadas, mais ricas, e mais florescentes, sam justamente aquellas que possuem vias de communicação mais numerosas, mais commodas, mais baratas, e mais acceleradas.*

De todas as necessidades de Portugal, é uma das maiores, e por ventura a mais urgente, o estabelecimento de boas vias de communicação. Não cabendo nos limites d'este pequeno scripto, nem sendo nossa intenção tratar extensamente de todas ellas, diremos sómente poucas palavras ácerca das estradas.

Os Romanos, que tanta attenção deram a este ramo da administração, dividiam as estradas em tres classes: estradas militares, ou publicas (*viæ militares, viæ publicæ*); estradas vicinaes (*viæ vicinales*); estradas parti-

(1) *Journal de la Société française de Statistique universelle*, nº 9, mars 1838, pag. 330.; *Statistique générale*, pag. 306.

culares, ou agrarias (*viæ privatæ*, *viæ agrariæ*).

Em França, pelo edito de 1776, foram as estradas divididas em quatro classes, com a denominação commum de reaes, a saber: estradas entre a capital e as principaes cidades do reino, de 42 pés de largura; estradas entre as provincias e as principaes cidades, de 36 pés de largura; estradas entre as cidades de uma mesma provincia, e entre estas cidades e as das provincias visinhas, de 30 pés de largura; caminhos particulares entre as aldêas e as pequenas povoações, de 24 pés de largura. Por um decreto imperial de 16 de Dezembro de 1811, foram conservadas tres classes de estradas imperiaes ou reaes, qualificando-se estradas departamentaes as que não eram comprehendidas nas tabellas annexas ao dito decreto. Esta medida foi inteiramente fiscal, para aliviar o thesouro das despezas do grande numero de estradas, que então passaram a cargo dos departamentos, inventando-se para os captar e lisongear, a denominação de estradas departamentaes, e attribuindo-lhes ao mesmo tempo grande parte da administração d'ellas.

Alem das estradas propriamente ditas, ha

em França caminhos vicinaes, caminhos communaes, a cargo dos respectivos districtos, veredas de sirga á borda dos rios e canaes, sujeitas a regulamentos especiaes, etc.

Estas divisões sam com pouca differença as mesmas que existem em todos os estados do continente da Europa. Em todos elles as estradas propriamente ditas, sam construidas e mantidas á custa do thesouro publico; porèm em alguns ha barreiras ou portellas, onde se percebem portagens destinadas ás despezas das estradas; entretanto que em outros, como em França e na Russia, não existe esta especie de contribuição. Em França o Directorio estabeleceu barreiras, que o Consulado aboliu com grande e geral applauso do povo francez, o qual considerava aquelle tributo com quasi tanto horror como as servidões odiosas de que a revolução o libertára.

Não entraremos na discussão das vantagens ou dos inconvenientes do systema das barreiras, que seria demasiado longa para este logar; procuraremos sómente mostrar que a idea de construir e manter as estradas por meio de companhias ou emprezas particulares, concessionarias das portagens, é inaplicavel ao nosso estado actual.

É evidente que ninguem emprega o seu cabedal em emprezas que não offereçam a certeza ou uma grande probabilidade de lucro. Ora, por mais subido que seja o preço das portagens, as estradas em Portugal devem necessariamente, por muito tempo ainda, dar prejuizo a quem as construir e as quizer conservar em bom estado de viabilidade, contando para isso com o rendimento das barreiras. Com effeito o povo portuguez está habituado por necessidade a ser sedentario; os nossos camponezes em grande parte, não obstante serem livres de direito, sam de facto servos addictos á gleba, havendo muitos que nunca perderam de vista o campanario da sua aldea. Ora como os habitos de um povo não se mudam de repente, segue-se que as estradas, por melhores que sejam, ficarão por largo tempo ainda desertas e sem viajantes em Portugal. O mesmo acontecerá com as relações do commercio interno, que não se estabelecem de subito; e é de advertir que quanto mais alto fôr o preço das portagens, tanto mais demorada será tambem a adquisição dos habitos de viajar e de traficar no interior do reino, que muito convem animar e facilitar, em vez de empecer por um tributo pesado e sempre vexatorio.

Como poderão pois os rendimentos das barreiras ser sufficientes; para prover á amortisação do capital primitivo da construcção da estrada, ás despezas da conservação d'ella; e deixar ao emprehendedor um lucro rasoavel!

Alem d'isto não é possivel prever, se, mesmo no futuro, quando o povo estiver já affeito a viajar, e o commercio interno houver adquirido maior extensão e actividade, uma estrada dará lucro ou perda; porque pode accontecer que se abra outra mais commoda, que se estabeleçam outras vias de communicação mais baratas, que a população se grupe ou se distribua de differente maneira, finalmente que o commercio e o movimento dos viajantes tomem outra direcção, e assim venha a diminuir a actividade do giro em uma linha, e a augmentar em outra em damno d'aquella.

Sam portanto as emprezas particulares das estradas não só infallivelmente ruinosas aos emprehendedores, no nosso estado actual, mas sujeitas a contingencias imprevistas, e a grandes riscos em todas as circunstancias.

É por isso sem duvida que no continente da Europa não ha ainda exemplo de taes emprezas, excepto para os caminhos de ferro, e mesmo para esses se offerecem grandes incon-

venientes e difficuldades, como se está vendo em França, não obstante o estado adiantado e progressivo do seu giro e commercio interno, e da sua prosperidade geral.

O particular que emprega o seu cabedal em alguma empreza, tem em mira sómente os lucros directos que espera tirar d'ella; e quando estes sam incertos, e mais ainda quando em vez de lucro a empreza apresenta pérda infallivel, é evidente que só poderá tenta-la algum especulador de má fé, que conte cobrir-se, enganando o publico com pomposos prospectos, e roubando-o com o jogo fallaz e nefando das acções na praça. O resultado vem a ser o abandono da empreza, e a ruina dos credulos ou ambiciosos jogadores, que cahem néstes laços da velhacaria de invenção moderna.

Não accontece assim ao governo. O governo, inda que perca directamente na abertura e manutenção de uma estrada, vem a ser indemnisado pelo augmento das rendas publicas, resultante do estabelecimento e acceleração das communicações, do maior giro do commercio e dos capitaes, e do augmento consequente da prosperidade geral. O governo alem d'isso é, como já observámos, um ente moral que não morre, e que por isso não só

pode aguardar lucros remotos, mas deve attender a um futuro indefinido; entretanto que o particular goza apenas de uma existencia passageira, que lhe não permitte grandes esperas, nem lhe consente de levar mui longe as suas previsões. Nenhum governo tentou ainda a abertura de uma estrada como operação fiscal, para d'ella tirar um rendimento liquido e directo; e pelo contrario nenhum particular se lançou jamais de boa fé em uma empreza similhante, sem esperanças de obter aquelle rendimento.

O exemplo da Inglaterra, que deslumbra a tanto observador superficial, não sendo ainda seguido no continente, menos o pode ser em Portugal. A Inglaterra não só possue uma grande exuberancia de capitaes, que sollicitam emprego, mas o movimento rapido do seu commercio interno e externo, e da grande massa ambulante da sua população, assegura ao emprehendedor de uma estrada, rasoavelmente projectada, um lucro certo, e que se pode previamente calcular com bastante exactidão. O continente da Europa ainda não alcançou aquelle estado de riqueza e de movimento, e é por isso que nelle as estradas não podem ser abandonadas a especuladores ou

companhias particulares, sem grave detrimento publico. Os governos ou as administrações locaes encarregam-se d'estas obras, não para d'ellas tirarem um rendimento directo, mas por necessidade, de que folgariam ver-se livres, porque as estradas dam ordinariamente perda directa, e os lucros indirectos mais avultariam, se fossem independentes das despezas das estradas.

Parece-nos portanto evidente que não poderá haver estradas em Portugal sem que o governo tome a seu cargo a construcção e manutenção d'ellas. Dir-se-ha talvez que o governo não tem meios para emprehender essas obras, e assim será se quizermos ter estradas pomposas; e infelizmente a paixão da magnificencia, que existe arraigada no caracter nacional, tem obstado aos trabalhos rasteiros, mas uteis e possiveis, e feito consummir em construcções grandiosas e inuteis, que nunca se terminam, sommas immensas que para aquelles seriam mais que sufficientes. Aqui tambem se pode dizer que o melhor é o inimigo do bem (1). Dispamo-nos do amor do

(1) Au lieu de se livrer à des espérances trop ambitieuses, on devrait, dans l'état présent des finances, se borner à la

fausto, e sigamos o exemplo que deu Turgot, a quem a França deve a creação do seu systema de estradas. Este grande administrador abriu rapidamente as grandes linhas das estradas principaes na maior parte da sua extensão, sem fazer-lhes outras obras alem de nivelamentos e terraplenos, e deixando a cargo do futuro a construcção das calçadas. Com o bom senso e juizo claro de que era dotado, percebeu elle que mais valia dar logo a todo o reino communicações imperfeitas, do que communicações bem acabadas a algumas partes d'elle (1). Para obras d'esta natureza não pensamos nós que ao governo faltem meios sufficientes, e só receamos que não se peje de as

réparation des plus mauvais pas, au rabattage et au comblement des ornières après la saison des pluies; éviter surtout les ouvrages d'art, parce qu'ils sont dispendieux, les redressements considérables qui nécessiteraient de fortes indemnités d'expropriation, et les adoucissements de pente qu'on ne peut faire sans remuer, à grands frais, d'énormes masses de terre. Les états, comme les particuliers, ne doivent rien entreprendre au-dessus de leurs forces, autrement on ne termine rien, et l'on n'obtient que des jouissances imparfaites. *Dictionnaire des Travaux publics*, par M. le chevalier TARBÉ DE VAUXCLAIRS, art. *Chemins vicinaux*.

(1) Veja-se, *Des Routes et des Chemins en France*, etc., par M. SAULNIER. Paris, 1835.

emprehender por modestas, posto que ellas bastariam para dar o primeiro impulso á nossa circulação interior.

Terminaremos por uma observação. Portugal existiu por longo tempo habituado a uma emigração legal e continua da sua população vigorosa, que passava ao Brasil, seja para ali buscar emprego e fortuna ao serviço dos particulares, seja empregada pelo governo na administração, na magistratura, na milicia, etc. A suppressão subita d'esta evacuação habitual de homens, deixou o paiz embaraçado de muitos braços, de muitas intelligencias da população que se destinava a viver salariada, á qual é urgente e indispensavel procurar emprego e meios de subsistencia dentro do reino, ou das possessões que lhe restam. Só assim se obstará efficazmente ás emigrações, e se neutralisará o temivel elemento de revolução e de desordem, que está sempre á espreita de occasião opportuna para tomar de assalto os empregos publicos pelo favor da anarchia. Cumpre pois que o governo, tambem por este motivo, trate com desvelo de favorecer muitos e variados ramos de industria, e de dar occupação ás forças laboriosas da nação, sempre perigosas quando desoccupadas, e que aliás bem

dirigidas pódem e devem contribuir efficazmente para a publica prosperidade.

Seria muito superior ás nossas forças fazer uma indicação geral e completa de tudo quanto convèm que o governo promova e encaminhe com sabedoria e prudencia, para elevar a monarchia ao grau de riqueza, de felicidade, e de consideração que lhe compete. O nosso intento foi sómente combater algumas idéas, que temos por erroneas, e que nos pareciam prejudiciaes ao estabelecimento e progresso da industria fabril, e das estradas em Portugal. Se o não fizemos com proveito, ficanos ao menos a consolação de o haver tentado com zelo e convicção. Os dous objectos de que tratamos exigem providencias activas e directas do governo, entretanto que outros, como a agricultura, a navegação, as pescarias, etc., que a natureza favorece, só carecem de que se removam os obstaculos que se oppõem ao seu progresso e melhoramento. Aquelles demandam com urgencia a acção directa do governo para poderem existir e prosperar, e estes pódem, a favor da natureza que os protege, aguardar sem tão grave damno as providencias administrativas de que carecem. Esta foi a razão que, alem do reconhecimento da nossa

insufficiencia, nos moveu a tratar unicamente dos primeiros, e a provocar sobre todos a attenção e a discussão de melhores engenhos. Lembraremos sómente por conclusão, como dignos da consideração do governo, e das meditações dos homens graves e intelligentes, amigos do bem publico, duas medidas, cuja adopção seria por si só capaz de produzir os mais importantes e beneficos resultados:

1.º A instituição dos mealheiros ou cofres publicos de economias;

2º A introducção dos livretos para os trabalhadores, jornaleiros, etc.

Os effeitos da primeira sam : accostumar o povo a economisar, a olhar para o futuro, a pensar na sorte da familia, a abandonnar os habitos de dissipação, de intemperança e de depravação, que consommem todo o fructo do seu trabalho, e que o reduzem á miseria e mendicidade no ultimo quartel da vida. Assim se melhoram os costumes e a moral do povo, se diminue efficazmente o numero dos pobres e desvalidos a cargo da nação, e se cumulam grandes sommas, a que se póde dar um emprego vantajoso ao bem geral. Em França começaram agora a estabelecer-se mealheiros nas escolas da infancia, em que os alumnos depo-

sitam a modica somma mesmo de um *soldo*, que ali se vai cumulando até perfazer 20 *soldos* ou um franco, quando passa para o cofre de economias do logar. Escusado é dizer qual será a influencia salutar d'este habito de economia e de precaução, adquirido nos primeiros annos da vida.

Mas poderão estabelecer-se em Portugal os cofres de economias? Infelizmente pensamos que não por agora. O povo portuguez, acostumado a ver violados os depositos mais sagrados, não póde ter a confiança necessaria para entregar as suas economias, e o fructo de seu trabalho e de suas privações, á custodia e salvaguarda do governo. É pois previamente necessario que o governo e as auctoridades grangeem aquella confiança, e desvanesçam os receios do povo, provando-lhe reiteradamente, com obras e não com palavras, o respeito melindroso e acatado que consagram á propriedade e á legalidade. Os cofres de economias poderiam então ser talvez annexados ás nossas venerandas instituições das Misericordias, uma vez que estas fossem renovadas pela extirpação dos abusos, que com o andar dos tempos se ingeriram na sua administração.

Quanto aos livretos, nenhum obstaculo vejo á sua immediata introducção.

O livreto deve conter a idade, a naturalidade, o officio ou profissão, e a descripção da pessoa a quem pertence. Nelle se debitam regularmente os pagamentos feitos dos salarios ou jornaes, e se creditam as sommas dos mesmos salarios ou jornaes á medida que se vam vencendo. Os artifices, jornaleiros, creados de servir, empregados publicos inferiores, etc., que sam munidos do livreto, tem nelle sempre presentes diante dos olhos os seus haveres, a sua conta corrente, e uma garantia contra todo o engano doloso ou casual que lhes poderia ser prejudicial. O livreto serve tambem de garantia ás pessoas sollicitadas pelo dôno d'elle a vender-lhe, ou emprestar-lhe, pois que exigindo a inspecção do livreto, pódem ellas certificar-se das posses do sollicitante. O livreto facilita a contabilidade, e lhe serve de termo de confrontação e de verificação. O livreto finalmente é, como os mealheiros publicos, um meio efficaz de morigerar o povo, e de incutir habitos de ordem, de prudencia, e de previsão na numerosa classe dos proletarios.

MEMORIA

SOBRE

AS COLONIAS DE PORTUGAL,

SITUADAS NA COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA.

Sendo a abolição do trafico da escravatura um negocio em que a Inglaterra tenciona de empregar toda a sua influencia politica, e tendo esta potencia já conseguido o concurso dos principaes gabinetes da Europa para este fim, é indubitavel que mui pequeno será o periodo durante o qual os Portuguezes poderão continuar a fazer aquelle trafico; e é tambem certo que se o governo portuguez não cuidar seriamente desde já em effeituar uma mudança no systema da economia peculiar das suas colonias, que subsistiam principalmente dos redditos do commercio dos negros, estas se arruinarão, e por ventura se perderão inteiramente para Portugal (1). É por este motivo

(1) *Veja-se a nota D.*

que julgo dever apontar succintamente quaes sam os melhoramentos de que algumas d'aquellas colonias sam susceptiveis, e quaes os meios que o governo deve pôr em pratica para que o momento da cessação do trafico da escravatura não seja o da perda total d'aquelles estabelecimentos, antes pelo contrario elles venham a ser de então em diante de maior proveito a Portugal.

São as colonias portuguezas, situadas na costa occidental da Africa, as seguintes:

1º Cabo Verde e suas ilhas;
2º Bissáo e Cacheu;
3º Ilhas de S. Thomé e Principe;
4º Angola e Benguella.

De todas ellas se podem tirar não pequenas vantagens, fazendo valer os elementos e mananciaes de riquezas que em si contem.

CABO VERDE E SUAS ILHAS.

Ha muito tempo que aqui cessou o trafico dos escravos, e portanto não influirá a cessação total d'elle na prosperidade d'esta colonia. Com tudo mui longe estou de persuadir-me que

nada reste a fazer para promover o augmento e o melhoramento d'estes estabelecimentos, cujo estado não corresponde de forma alguma ao que devia competir-lhes por sua situação, por seus recursos, e pelo longo periodo que tem descorrido desde que os possuimos.

Parece que o unico objecto que hoje se tem em vista nesta colonia é a colheita e venda da ursella; porèm difficilmente se acreditará que apezar d'isso, o modo porque se tem procurado tirar vantagem d'esta producção, é o que mais essencialmente concorre para a diminuição d'ella, para a ruina e vexação dos miseraveis habitantes d'aquelles paizes, e conseguintemente para o estado lastimoso e abatido da colonia. A fazenda real compra toda a ursella por um preço fixo, e d'esta compra sam encarregados os capitães mores dos districtos. Não é facil descrever as vexações que estes exercem naquelle acto, já medindo a ursella a seu modo, e não ao gosto dos vendedores, já negando-lhes a paga em dinheiro, e fazendo-a em generos, que tem preparado de antemão, e em que os miseraveis cultivadores perdem ás vezes cento por cento; já recusando-lhes o pagamento de algumas quantidades sob pretexto de que a ursella não está

limpa e se acha misturada com materias heterogeneas, obrigando-os por isso a ceder em beneficio do agente da fazenda real uma grande parte do valor da ursella, a titulo de indemnisação, pelo desfalque supposto que ella terá na limpeza, etc.

Seria summamente util exemptar a ursella do estanco real, e permittir a sua livre venda, impondo-lhe um modico tributo de exportação. Só assim poderá este genero competir no mercado da Europa com outros novamente descobertos, que produzem a mesma côr, inda que inferior em qualidade, mas que sam preferidos em razão da sua barateza. O lucro que se tira dos monopolios é de ordinario ephemero, porque, com o andar do tempo, o monopolio traz quasi sempre comsigo a decadencia dos generos monopolisados.

Dous ramos ha que na minha opinião se devem animar nestas ilhas:

1º A cultura das plantas e arvores conhecidas pela abundancia e excellencia de seus oleos, como sam o mandobi, o gerzeli, a palmeira de Dendé, etc. Esta palmeira e o fructo das duas plantas mencionadas produzem trez qualidades differentes de azeite, todas excellentes, e applicaveis não só aos usos culinarios, mas

a muitos outros da economia domestica, e á fabricação do sabão, que poderia promover-se com muita facilidade em um paiz rico de arvores, arbustos e plantas que abundam de materia alkalina (1).

2º As pescarias e salgas de pescado. Ha nestas ilhas excellente sal em grande abundancia, e os mares que as banham sam povoados de grande copia de peixe. Apezar d'isso, e de ser Portugal um dos paizes que mais peixe consomme, custa a crer que nunca se fomentasse convenientemente entre nós este importante ramo de industria, e que se veja com indifferença a continuação da dependencia ruinosa em que a nação se acha dos estrangeiros, que lhe fornecem o sustento, que a miseria e a observancia das abstinencias religiosas, lhe

(1) Em uma Memoria de MM. Pelouze e Boudet, lida na sessão da Academia das Sciencias de Pariz do dia 1 de Outubro d'este anno de 1838, dizem elles que o azeite de palmeira lhes offerecerá a singular propriedade de se *sabonisar* spontaneamente. A *sabonisação* dos oleos resulta, como é sabido, da separação que se opera entre a glycerina, e os acidos oleico e morgarico, sendo a glycerina substituida por uma base mais forte. Na transformação do azeite de palmeira em sabão, observaram aquelles sabios a separação da glycerina; sem que se manifestasse o phenomeno ordinario, ou parecesse que outra alguma substancia tomasse o logar d'aquella.

tem feito de primeira necessidade. A Inglaterra, a França (1), a Hollanda e as outras potencias maritimas promovem as pescarias, não tanto pelo resultado immediato d'ellas, mas porque os pescadores sam a escola e o viveiro dos marinheiros. Entretanto Portugal, cujos habitantes em grande parte se sustentam de peixe salgado, cujo territorio é uma extensa costa, e cujas colonias offerecem as mais favoraveis proporções para as pescarias, e exigem a existencia de uma marinha mercante e militar, deixa abandonado um ramo de industria de tão transcendente importancia! Ora no estado actual da nossa inferioridade relativa, é um erro fatal abandonar á lei da natureza, e ao impulso do interesse individual, este ramo das pescarias, que nos convem acclimatar, inda mesmo á custa de sacrificios pecuniarios. Pelo menos cumpre libertar os nossos pescadores de todas as peias e alcavalas, que estorvam o progresso da sua industria, e proteger esta contra a concorrencia da estrangeira, por via de taxas sufficientes.

Produzem estas ilhas quasi todas as fructas

(1) As camaras legislativas de França votaram, em 1837, para premios de fomento das pescarias, 3 milhões de francos.

dos tropicos, e a canna de assucar, o café, etc. As fructas de outras partes do mundo vem aqui com perfeição, e as laranjas em particular sam excellentes em alguns logares.

Ha nas mesmas ilhas uma manufactura de tecidos grosseiros de algodão, que é artigo de commercio para os presidios de Bissáo e Cacheu, e que por ventura conviria tambem promover e perfeiçoar.

BISSAO E CACHEU.

Abundam nestas colonias artigos de grande importancia, que poderiam fazer a riqueza d'ellas, como sam muitas gomas, rezinas, marfim, madeiras, etc. A goma arabiga se encontra nestes paizes, e bem conhecido é o seu prestimo e o seu valor. Das outras gomas e rezinas seria necessario averiguar o prestimo, e faze-las depois conhecidas na Europa.

Ha aqui muitas terras proprias para a cultura do arroz, e os habitantes com gosto se dam a este trabalho. Ora se a America septentrional pôde por muitos annos bastecer a Europa d'aquelle artigo, se o Maranhão, a Bahia, etc. ainda hoje o fornecem a Portugal,

por que razão o não poderão fazer Bissáo e Cacheu, que alem de terem as mesmas proporções, estam mais perto de nós?

As pescarias tambem aqui se poderiam promover, tanto para as salgas, como para a extracção do azeite de peixe.

Não fallecem aqui os vegetaes de que se podem extrahir oleos, como o ricino, o mandobi, e a palmeira de Dendé, que vem com facilidade nestes climas.

As madeiras da Africa sam entre nós pouco conhecidas, e a experiencia me tem mostrado que, se a natureza não dotou abundantemente esta parte do mundo de grandes florestas, concedeu em compensação ás arvores pequenas d'esta terra, muita solidez, e um delicado colorido, que as faz proprias para obras primorosas de marcenaria e de embutido. Deverão portanto examinar-se cuidadosamente as arvores que crescem nestas possessões, para de suas madeiras se tirar o conveniente proveito.

Creio que não me illudo persuadindo-me que os aromas da Asia prosperariam facilmente em Bissáo e Cacheu, e que a pimenta, hoje cultivada na Bahia com tanto proveito, poderia tambem acclimatar-se nestas terras.

S. THOMÉ E PRINCIPE.

Estes estabelecimentos, que outrora foram considerados como bellas flores da corôa de Portugal, acham-se hoje no mais deploravel estado de decadencia. Impossivel é ao simples observador, que deseja comparar o estado actual d'estas colonias com o que lhe assignam os historiadores naquella epoca do seu florescer, descortinar as causas, ou descrever a progressão de seu descaïmento, faltando-lhe para isso dados positivos, que por ventura nem ainda se encontram nos archivos do governo, porquanto entre nós não se attende geralmente ao mal senão quando elle já não tem remedio. Não havendo mappas statisticos, não se pódem reconhecer as tendencias, pouco apparentes a principio, de decadencia ou de progresso, nem descobrir as causas de taes tendencias, para as destruir, ou as promover como convèm. Quando não ha uma attenção assidua e cuidadosa sobre objectos d'esta natureza, governa-se ás cegas, e entrega-se ao acaso, muitas vezes avesso, a sorte do povo e do estado.

Estas colonias floresceram, produziram mui-

to assucar, tiveram muitos engenhos, foram assáz povoadas, e não eram então taxadas de doentias. Hoje estam arruinadas, a sua população é mui diminuta, e S. Thomé principalmente passa por ter um clima pestifero e inhabitavel. É de crer que a cultura das terras, o corte das matas para consumo dos engenhos, a abertura de caminhos, etc., haveriam melhorado o clima d'esta ilha, situada debaixo do equador, e por isso exposta aos miasmas mortiferos que resultam das rapidas e continuas decomposições de materias animaes e vegetaes, produzidas pela humidade quente das regiões equinocciaes. Decaïndo a agricultura tornaram naturalmente a crescer os arvoredos, a cerrar-se as matas que impedem a circulação do ar, a reformar-se os pantanos, e a corromper-se a atmosphera pelas decomposições de detritos vegetaes e animaes accumulados, e assim veio a ilha a ser outra vez doentia, perdendo-se o fructo dos sacrificios de vidas, de fazenda, de trabalho, e de tempo, que afoutamente se pode crer haveriam feito nossos antepassados para a levarem ao estado prospero e sadio em que outrora se achou.

Parece ser assaz fundada a opinião dos que attribuem esta decadencia ao abandono em que

ficarem estas possessões, depois que o Brasil começou a prosperar e a occupar quasi exclusivamente a attenção do governo e da nação, por sua extrema fertilidade, sua riqueza e sua admiravel salubridade. Nada se faz sem motivo, e o desleixo em que cairam as ilhas de S. Thomé e Principe em taes circunstancias, se não é de todo justificado, é pelo menos desculpavel, e não deve ser attribuido á ignorancia ou negligencia do governo, o qual via naturalmente no Brasil um campo vastissimo e mais que sufficiente para exercer toda a actividade, e todos os meios de prosperidade e de riqueza da nação.

Tendo sido em outro tempo grande a producção da canna de assucar em S. Thomé, é evidente que pode ali tornar a cultivar-se com vantagem; porèm parece-me que mais util seria emprega-la na confecção de agoa ardente, genero que tem uma venda segura nos portos vizinhos da costa de Africa, e que exige menos despezas e trabalho de fabrico que o assucar.

Produziu e produz ainda esta ilha excellente café, que rivalisa em seu aroma e sua superioridade com o tão afamado de Moka, sendo melhor que muito do que na Europa se vende

com este usurpado titulo. Deve portanto ser a cultura do café uma das que mais se fomentem.

Prepara-se em S. Thomé uma especie de sabão, muito estimado entre nós para a lavagem das rendas e de outros objectos delicados, e que por ventura misturado com algum aroma, poderia tambem competir com o tão afamado de Napoles, que se vende na Europa por subido preço para o uso da barba. Aquelle sabão é molle, como o de Napoles, e se transporta em barrilinhos; porèm talvez que fôsse possivel dar-lhé uma consistencia solida para os usos ordinarios, e torna-lo assim de mais facil e economico transporte.

De passagem diremos que o estanco do sabão é o primeiro que se deve abolir, e substituir por um modico direito de consummo, ou por outro algum tributo; porque peza desastradamente sobre o povo, obstando ao aceio e á limpieza, que tambem sam meios e criterios de civilisação, e que tem uma benefica influencia sobre a saude publica. Muitas das nossas epidémias e molestias contagiosas, sam por ventura causadas, ou pelo menos aggravadas, pela falta de aceio.

O ultimo bispo que esteve nestas ilhas fez

na do Principe uma grande plantação de vinha, que produziu com muita abundancia, e de que se fez vinho, que dizem era bom. Segundo me informaram, ordenou-se então ao bispo de não continuar esta cultura; porèm se naquelle tempo havia alguma razão para esta prohibição, hoje sam differentes as circunstancias, e parece que pelo menos se deve tolerar, quando não promover, este ramo de industria.

Outros muitos generos de producção se podem introduzir nestas ilhas, como sam por exemplo as especiarias, que d'ali chegariam á Europa mais frescas e mais baratas que da Asia, o cacáo, etc.

ANGOLA E BENGUELLA.

Se entre as possessões portuguezas da costa d'Africa ha paizes que mereçam a attenção e o desvelo do governo para sua conservação e sua prosperidade, sam sem duvida os que se comprehendem debaixo da denominação geral de reinos de Angola e Benguella.

A razão principal porque até agora não tem prosperado estes estabelecimentos, parece ser

similhante á que por muito tempo impediu no Brasil o progresso do paiz das minas. Neste, as fortunas rapidas e brilhantes de alguns mineiros, excitavam as tentativas da mesma natureza para enriquecer depressa, e em quanto durou este engodo, que tão fatal foi a muita gente, desprezaram-se as mais solidas, mas menos prestigiosas riquezas da agricultura. Em Angola, os grandes lucros que dava o commercio da escravatura, faziam com que toda a gente a elle se applicasse directa ou indirectamente, e que todos os outros ramos de industria permanecessem abandonados em soffrimento, faltando-lhes os cabedaes, e o incentivo do interesse, que o trafico dos negros absorvia quasi exclusivamente. Alem d'isso este commercio, por sua mesma natureza, e pelo modo com que se fazia, tendia fortemente a paralysar os nervos da prosperidade verdadeira d'estes paizes, e a manter nelles em estado de perpetua infancia a agricultura, a pesca, a mineração, etc., que agora se podem e devem promover efficazmente.

PESCA.

Os mares vizinhos á cidade de Loánda sam prodigiosamente abundantes de peixes de muitas e variadas qualidades, entre as quaes ha algumas mui proprias para a salga, e para a extracção do azeite. As mais conhecidas sam a pescada, differente e maior que a de Portugal, a corvina, a deliciosa serra, o pargo, a garoupa, o bacalhau, o peixe galo, o peixe agulha, o peixe espada, o lingoado, e duas especies de peixes de arribação, o pungo e o peixe azeite, que em certas epocas do anno arribam a estas costas em vastos cardumes. Estas duas especies, de extraordinaria grandeza, não só seriam excellentes para a salga, mas tambem para a extracção do azeite. Os Pretos fazem estas operações com muita imperfeição, e apezar d'isso o peixe azeite salgado por elles, conserva-se por muito tempo, e assemelha-se ao atum, e o azeite que d'elle extrahem em abundancia (particularidade de que este peixe tira o nome), é preferivel ao de balea. A corvina da barra, secca, não é somenos do bacalhau, e muitos outros peixes

seriam susceptiveis do mesmo preparo, que o clima da costa favorece.

Os Pretos que habitam as ilhas de Loanda e da Cazanga, vulgarmente chamados Muxiloandas, sam insignes pescadores, e com gosto se applicam a este trabalho; porèm o systema de empregar estes homens no serviço do arsenal, e no particular dos funccionarios publicos, tem sido causa da deserção d'estes uteis vassallos, que se tivessem sido occupados no emprego que lhes era proprio, teriam prosperado, e aquellas ilhas se achariam hoje sufficientemente povoadas. Todavia como elles, fugindo para se substrahirem áquella alcavala pessoal, se dispersaram pela cidade e pelos districtos do Dande e Bengo, facilmente se reuniriam, logo que cessasse a servidão que detestam. A ilha da Cazanga, que conserva signaes de haver sido mui povoada, apenas terá hoje uma centena de cubatas ou cabanas. Para promover efficazmente a pesca é pois indispensavel abolir a servidão dos Muxiloandas, e alivia-los de todos os obstaculos que se oppõem ao livre exercicio da industria a que sam proprios e affeiçoados. As seccas de pescado que elles já fazem, e que fornecem um artigo para o commercio do interior, se aug-

mentarão consideravelmente por meio d'estas faceis providencias; porèm para dar a necessaria extensão a esta fonte de prosperidade, conviria favorecer a formação de companhias, com capitaes sufficientes para fazer em grande as pescas, seccas e salgas, e a extracção dos azeites; e por ventura estabelecer alguns premios de fomento a favor dos pescadores, ou das mesmas companhias, pela maior quantidade de peixe fornecido ou exportado, de azeite extrahido, etc.

No sitio de Cacuaco, na vizinhança da cidade, ha salinas, que estam abandonadas pelos seus proprietario sem consequencia de ser o sal monopolio da corôa, e que poderiam fornecer grande copia d'este artigo, necessario para as salgas e seccas de pescado. Se porèm estas salinas não bastassem, as de Benguella dariam todo o sal que se quizesse com pouco ou nenhum trabalho, porque o sol d'estas regiões é um potente evaporador e crystallisador, e o sal que aqui se faz quasi spontaneamente, é superior, e preferivel para as salgas, a todo o outro dos dominios portuguezes. É pois necessario restabelecer e lavrar as salinas do Cacuaco, tirar proveito das de Benguella, e abolir o estanco do sal, ou pelo menos dimi-

nuir quanto fôr possivel o preço d'este artigo.

Finalmente pode dizer-se, que nada falta *naturalmente* em Angola para que as pescarias venham a constituir um dos principaes elementos da riqueza e da importancia d'esta colonia.

AGRICULTURA.

Ainda que as terras vizinhas á costa do mar sejam aqui de uma notavel aridez, não accontece o mesmo no interior, onde as chuvas sam mais regulares, e cujo solo é fertilissimo. As margens dos rios Coanza, Bengo e Dande sam sobretudo de uma fertilidade extrema, devida, como a das margens do Nilo, ao nateiro que nellas depositam as inundações. Aqui se produzem em abundancia, e quasi sem trabalho, o feijão-maindona, privativo d'este paiz, e inda não introduzido em Portugal; as ervilhas de optima qualidade; o mandobi, que pode em differentes usos supprir a amendoa, que fornece muito azeite, e que vem em tão grande copia que os habitantes com elle cevam os porcos, cuja carne fica saborosissima com

este sustento; o milho, de que os negros fazem, depois de macerado, uma farinha (fuba) que lhes fornece um alimento muito de seu gosto; a canna de assucar, de extraordinaria grandeza; a mandioca doce, que constitue, reduzida em farinha de pau, a parte principal do sustento do povo; os inhames, carás, batatas, etc.

Nas vizinhanças do Bengo havia no anno de 1803 uma plantação de canhamo, que promettia boa colheita, e mostrava que a terra era propria para esta cultura; o que alias já se devia presumir pelo facto do que os Negros cultivam a mesma planta, que fumam secca, e com que assim se embriagam de um modo terrivel e funesto.

A planta do anil é indigena e vem spontaneamente em perfeição, cobrindo-se d'ella os morros e barrocas em torno da cidade, logo que chove, de modo que ficam como bellos e densos prados.

O algodão é tambem natural do paiz, e de qualidade superior ao do Brasil. Os Muxiloandas fazem d'elle as suas linhas de pesca e redes, e os Negros do interior fabricam umas mantas, a que chamam ntangas, de grande solidez e duração, e de uso mui ge-

ral, sendo de admirar a perfeição de alguns d'estes tecidos, á vista da imperfeição dos chamados teares de que aquelles negros se servem.

Produzem-se tambem spontaneamente no interior a noz muscada, o gingibre, o cardamomo, e é provavel que o cravo, a canella, etc. ali viriam facilmente. Eu mesmo plantei e semeei algumas pimenteiras da India, que prosperaram; porèm não sei se produziram, e creio que o terreno de que me servi não era mui apropriado para esta cultura.

O café produz optimamente. As fructas sam perfeitas, e ha em abundancia laranjas, bananas de differentes especies, romãas, uvas (as de Benguella sam melhores), frutas do conde, tamaras de palmeira, tamarindos, etc.

Não faltam portanto elementos naturaes para a prosperidade da agricultura nestes paizes, e o não florecer ella attribuo eu principalmente á causa que vou dizer.

O commercio da escravatura exigia que as volumosas e pesadas fazendas que para elle serviam, como armas, polvora, gerebita, zuartes, etc. fossem transportadas da capital a enormes distancias do sertão, ás costas dos

Negros, não havendo aqui outro meio de fazer estes ou quaesquer outros transportes. Os Sovas ou Potentados avasallados eram obrigados a fornecer estes carregadores, que recebiam por este serviço uma insignificante retribuição, pela qual esperavam muitos mezes, e ás vezes annos, até que se concluisse a negociação. Os Negros odiavam naturalmente esta servidão, que os distrahia de suas occupações, e lhes occasionava muitos incommodos, um penoso trabalho mesquinha e tardiamente remunerado, e toda sorte de vexações. Por isso buscavam elles evadir-se a este penoso dever, por todos os meios possiveis, sendo o mais usual a fuga, que effectuavam umas vezes antes da requisição e na previsão d'ella, e outras mesmo durante as suas caravanas. Ora como necessariamente o numero d'estes carregadores era mui grande, bem pode imaginar-se qual seria a rapida progressão decrescente da população, que estas deserções occasionaram nos districtos e presidios obrigados a similhantes alcavalas ou prestações pessoaes, as quaes por isso mesmo se tornavam ainda cada vez mais duras e pezadas á população diminuida que ficava.

Escusado parece dizer qual seria tambem o

funesto effeito d'este tributo dos carregadores sobre a agricultura, que ficava privada dos braços necessarios para os seus trabalhos, quer temporaria, quer permanentemente.

Esta practica abusiva deve cessar quanto antes, não obstante as queixas e opposições dos negociantes de Angola, os quaes se amotinam e julgam o commercio perdido, á menor alteração que se intente fazer em suas rotinas. Sam elles quem o perderam, pois se a sua impaciente cobiça os não impellira a irem encontrar os Negros nas suas terras, seriam os Negros que viriam ter com elles, como acontece nos portos da costa fóra dos nossos dominios, aonde a noticia da chegada de um navio, attrahe logo todas as nações ou tribus vizinhas. Mais facilmente aconteceria o mesmo em Angola, aonde um estabelecimento fixo, e um deposito permanente de mercadorias, chamariam regularmente os Negros a vir ali fazer o seu commercio; com o que se evitariam para o negociante grandes despezas de transportes e salarios, e os frequentes roubos commettidos pelos seus mesmos aviados e pombeiros, e para os Negros as trapaças e fraudes, de que muitas vezes sam victimas em suas transacções com homens mais maliciosos e ladinos. A pre-

sença das auctoridades defenderia e protegeria tanto o negociante da cidade, como o Negro do sertão, e ambos nisso lucrariam. Os Negros do Congo, porque sam menos visitados, tomaram já o expediente de vir á cidade de Loanda fazer elles mesmos os seus negocios, e seria para desejar que outro tanto acontecesse com todas as mais nações. D'este modo não só recaïriam sobre os Negros as despezas e os riscos dos transportes, em proveito do nosso commercio, e alivio dos nossos vassallos, mas se evitariam repetidas causas de guerra, provenientes do roubo dos aviados e pombeiros dos negociantes de Angola, e da interrupção consequente das relações commerciaes, a que é forçoso occorrer por via das armas. Se porèm a rotina prejudicial e mal avisada de mandar as fazendas ao sertão, fôr tão forte e obstinada que não ceda aos dictames da razão e do proprio interesse, deverá, pelo menos, abolir-se em todo o caso a prestação obrigatoria de carregadores, especie de *corvea* feudal de funesto effeito, e deixar este negocio ao alvidrio e ajuste particular dos interessados, bem como a fixação do estipendio dos mesmos carregadores, que até agora era de 640 reis no fim da negociação.

Os Pretos das vizinhanças do Dande, onde não é tão frequente a passagem de cargas, e que por isso são menos incommodàdos com requisições de carregadores, já tràzem á cidade muitos mantimentos de sua propria lavra, e o mesmo fariam os do Bengo, Icolo, Coanza, etc., se não fossem tão molestàdos e perseguidos com aquella corvea. Tudo finalmente me persuade que ella é o maior obstaculo que impede nestes paizes os progressos da agricultura. Ora muitos dos productos d'està pódem vir a ser artigos importantes de exportação, como sam o algodão, o café, as especiarias, alguns mantimentos, azeites, anil (1), e outros gene-

(1) Na sessão já mencionada da Academia Real das Sciencias de Pariz, M. Chevreul annunciou que M. Baudrimont conseguira extrahir a materia colorante do anil, por um processo novo e mui facil. Em vez de deixàr macerar as folhas da planta em agoa fria por muitos dias, como se practicava com o pastel, delta elle agoa fervendo sobre as folhas, dispostas em uma dorna, e ali as deixa por espaço de doze horas, repetindo a operação duas vezes mais. Na terceira, as folhas se acham de todo exhaustas da materia colorante. Juntas as agoas, lança nellàs um centesimo de àcido sulfúrico, que é quanto basta para precipitar a indigotina. O liquido é a principio amarelo, e a indigotina pouco carregada, mas a acção do oxigeneo a faz passar a azul. M. Baudrimont pensà que a materia colorante se acha unida na planta com uma base que faz as vezes de alkali, verdadeiro sal que se descompõe pelo acido sulfurico.

ros que poderiam introduzir-se e cultivar-se com vantagem, como, por exemplo, o tabaco, o cacau, etc.

Da canna de assucar, o mais proveitoso e conveniente seria fazer agoa-ardente, que tanta extracção tem neste paiz, e que tão cara se paga ao Brasil.

A palmeira Dendé abunda no sertão, e do seu fructo extrahem os Negros o azeite espesso e ruivo, de que tanto gostam para adubar os seus angús, as suas caldeiradas de peixe, etc. Este artigo exporta-se já para o Brasil, e deve animar-se a sua producção, que póde servir para muitos usos.

O ricino é tambem uma das plantas que vem neste paiz sem cultura, e de que se póde tirar bom proveito para a confecção do oleo, bem conhecido na medicina.

No sertão produzem-se naturalmente muitas gomas e rezinas, que poderão empregar-se utilmente nas artes e em differentes usos. No districto do Golungo encontra-se a goma arabiga, porèm os que a colhem a misturam com outras gomas, e assim quasi que a inutilisam. Acha-se em grande abundancia uma goma-rezina, chamada vulgarmente *mocòcoto*, que, se não é a que nas officinas se chama goma-

copal, de certo, a póde supprir em grande parte de seus usos. Verniz excellente vi eu feito d'ella. O seu cheiro, queimada, é mui agradavel, e encontra-se ella em tanta copia, que os Negros d'ella se servem para brear as suas embarcações. O seu preço, na cidade, é de 2 macutas, ou 100 reis, uma quinda (*especie de cabaz*) bem cheia.

A cera, outro producto que se póde chamar rural, forma já um artigo importante de commercio, que deve augmentar consideravelmente, se fôr possivel conseguir que os Negros adoptem um methodo de colheita similhante ao practicado na Europa. Até agora costumam elles pôr fogo á arvore em que está o enxame, com o que não só destroem ou dispersam este, mas perdem o mel, de que poderiam aproveitar-se para muitos usos. Apezar d'este exterminador e barbaro processo, continua sempre a vir cera em abundancia do sertão, e isto prova quão grande e importante póde vir a ser este artigo de commercio, se os Negros vierem a ter as primeiras noções do tratamento e economia das abelhas. Os Pretos do presidio das Pedras de Pungo Andongo sam os que melhor sabem branquear a cera.

As palhas, e os tecidos que d'ellas fazem os

Pretos, não se devem desprezar. Estes tecidos, mui fortes e tapados, servem para differentes usos, e por ventura os mais finos, se suas côres fossem mais fixas, poderiam servir com vantagem para cobrir assentos ou almofadas de cadeiras, etc. Os colchões de lãa de palmeira feitos d'estes tecidos, sam mui frescos e de extraordinaria duração.

As madeiras devem tambem merecer muita attenção, e fazer-se conhecidas. A tacula não cede ao acaju, e o quicongo tambem é boa madeira de marcenaria, sendo provavel que outras mais haja no sertão que nos sam desconhecidas. A mafuma, de que os Pretos fazem ordinariamente as suas canoas, é pouco solida, porèm mui facil de trabalhar, e d'ella se fabricam rolhas, que mui bem supprem as de cortiça.

No presidio de Caconda, que goza de saudavel e delicioso clima, produzem-se muito bem os cereaes. Este presidio seria por ventura conveniente para servir de uma especie de viveiro da população branca, e de ponto de deposito e de acclimatação da mesma população, sendo só de lamentar que tão longe demore da costa.

A criação de gados poderá tambem favore-

cer-se e animar-se com grande proveito, devendo merecer particular consideração a excellente raça de carneiros de Benguella, cuja carne não é somenos á dos melhores de Inglaterra. Os bois cavallos, como lhes chamam em razão do emprego que lhes dão no interior, poderiam por ventura ser o primeiro vehiculo de transporte que houvesse de substituir o dos negros carregadores. Finalmente poderá dar-se maior extensão ao ramo das carnes seccas e salgadas, de que já se exporta alguma quantidade.

MINAS.

Sam estes paizes ricos de minas de ferro e cobre; e a tradição diz que tambem as possue de prata e de outros metaes; porèm a existencia d'estas é duvidosa, e não pôde ainda verificar-se. O mineral de ferro encontra-se por toda a parte; mas o mais rico e abundante que conhecemos existe nos districtos do Golungo e de Massangano. D. Francisco Innocencio de Souza Coutinho, durante o seu governo, tentou executar o gigantesco projecto de estabelecer em Massangano grandes forjas, para o que se mandaram vir de Lisboa as machinas

e os aparelhos necessarios, e de Suecia mineiros e fundidores practicos. Estes porèm não resistiram ás inclemencias do clima, e o ultimo, que existia ainda quando eu cheguei a Angola, tinha caïdo em um estado de estupidez e de fraqueza tal que não podia occupar-se de cousa alguma. As machinas transportadas a Massangano, ali estavam á espera de que o tempo consummasse a sua destruição já muito avançada tanto nellas, como nas obras que se fizeram para as collocar e montar. Assim se perderam grandes despezas e muitas vidas, pelo erro deploravel e commum entre nós, de aspirar logo ao melhor, e de querer chegar de salto á perfeição sem passar pelo estado medio, o que é sempre arriscado, e as mais das vezes impossivel. Os Negros, com os seus methodos imperfeitos, fundiam barras perfeitamente ligadas de excellente ferro, de seis a oito libras. No meu tempo foram os Negros dos districtos do Golungo, Zenza e Quilengues, e da provincia dos Dembos, exemptos do pagamento de dizimos e da *corvea* dos carregadores, mediante a prestação de certo numero d'aquellas barras; commutação que muito lhes agradou, e a que davam assaz puntual cumprimento. Este systema, conve-

nientemente ampliado, e a introducção suave e progressiva de melhoramentos nos methodos usuaes dos Negros, tanto de mineração como de fundição, me parece ser o expediente mais proprio e practicavel para levar insensivelmente esta industria á perfeição compativel com as circunstancias locaes, e tirar d'ella bom proveito.

O cobre existe em abundancia no sertão, e todos os Pretos d'ali usam de braceletes e argolas d'este metal, tanto nos pulsos como acima dos tornozelos, e com elle enfeitam as suas zagaias, os seus mucuales ou alfanges, etc. A' cidade chegam barras de cobre de forma extravagante, de pezo de tres a quatro libras, e por ellas se conhece a excellencia do metal. Nos presidios de Pedra d'Encoge, e de Novo Redondo, ha minas d'este metal, e talvez conviria applicar á lavra d'ellas o systema indicado para as de ferro.

A malachites encontra-se nestas minas, e não deve desprezar-se esta substancia de muito preço, usada para objecto de luxo.

Em Benguella ha uma mina de enxofre, por ventura uma das mais ricas que se conhecem, mas que pouco se tem explorado. Nella se encontram veios de grande largura e extensão, de

enxofre puro e sem ganga, apto para o uso sem mais depuração nem preparo. A grande quantidade que d'elle se mandou para o Rio de Janeiro foi extrahida das primeiras excavações superficiaes. Cumpre porèm enviar ali pessoa intelligente, para dirigir os trabalhos d'esta lavra, e impedir que a mina se não perca por effeito de falta de systema e de regra na mineração.

Nas vizinhanças do rio Dande demora uma montanha, cujas fendas estillam constantemente, e em profusão durante os grandes calores, uma excellente qualidade de petroleo, ou asphalto liquido. Os habitantes, misturando esta substancia com algum oleo, fazem um perfeito alcatrão, que serve para todos os usos do alcatrão ordinario. A applicação que ultimamente se tem dado em França ao asphalto ou betume mineral para a fabricação de pedra artificial, com que se lageam os passeios e os terrados, se construem magnificas calçadas, tanques, cisternas, soterraneos á prova d'agoa ou *cavas*, etc., augmenta o valor e a importancia d'esta mina, que parece inesgotavel. A vizinhança do rio Dande, facilitando o transporte do petroleo por agoa, é uma circunstancia favoravel para a lavra da dita mina.

Não seria estranho encontrar aqui carvão de pedra, e esta descoberta, se se realisasse, seria da maior utilidade para a lavra das minas de ferro e de cobre, para a preparação do anil, e para muitos outros usos. Por si só ella bastaria para augmentar o valor de muitos dos productos d'esta colonia, e por consequencia a riqueza e prosperidade d'ella.

MARFIM.

Este genero é de estanco real, e por isso está sujeito a todos os inconvenientes dos monopolios. A fazenda real compra todo o que vem á cidade, e a sua exportação não é permittida aos particulares. O preço d'este genero é determinado pelo pezo de cada dente, da maneira seguinte :

Dentes que pezam menos de 16 lib. . . .	80	reis a lib.	
Idem. do pezo de 16 a 32 lib.	160	»	»
Idem. » de 32 e mais lib. . .	320	»	»

O primeiro marfim chama-se *miudo*, o segundo *meão*, e o terceiro *de lei*.

Já se vê que o marfim de menos de 16 libras

tem apenas metade do valor do marfim dos dentes de 16 libras, e que o mesmo acontece ao marfim dos dentes de menos de 32 libras, o qual se paga por metade do preço que se dá pelo marfim dos dentes de 32 libras. Estas proporções sam evidentemente viciosas, e mui prejudiciosas a este trafico, por quanto o preço diminuto do marfim miudo faz com que os Negros tratem de o levar á costa, para ali o venderem aos navios estrangeiros; e o preço fixo do marfim de lei desanima os mesmos Pretos de conduzirem á cidade os dentes de grandeza mais que ordinaria, cujo transporte lhes causaria maior trabalho e despeza, a que a fixação do preço não offerece a necessaria e justa compensação. Assim estas regras extravagantes do estanco tendem a desviar do mercado o marfim miudo e os dentes de grandeza extraordinaria, que os Pretos ou vendem aos estrangeiros, ou deixam ficar nas matas e selvas do sertão.

A abolição d'este monopolio, e a substituição d'elle por um direito rasoavel de exportação, creio que não só redundaria em proveito do commercio e do interesse particular, mas que não desfalcaria as rendas do thesouro publico; alem de que estas cresceriam tambem

indirectamente pelo augmento do commercio geral, e da riqueza individual.

Aquella abolição, deixando ao livre arbitrio e ajuste do vendedor e do comprador a determinação do preço do marfim, com isso cessariam os inconvenientes apontados da fixação official do dito preço; e o commercio d'este artigo, assim desempecido, cresceria infinitamente em proveito dos interessados e da prosperidade geral, e provavelmente tambem, como já disse, das rendas publicas da colonia.

Quando porèm os prejuizos inveterados obstem á adopção d'aquella medida, convirá pelo menos alterar o modo de fixação do preço do marfim, substituindo á ordem intermittente dos tres preços e das tres classes, duas series continuas e progressivas de preços e de pezos, que se correspondam. Assim por exemplo poderiam intercalar-se quinze termos, entre os dous preços extremos de 80 reis e 320 reis, e outros quinze termos entre os dous pezos extremos 16 libras e 32 libras, e assim se determinaria o preço dos dentes, cujo pezo correspondesse a um termo qualquer das duas series. Estas series poderiam continuar-se para a determinação dos preços dos dentes de grandes e pequenas dimensões.

A abundancia de hippopotamos ou cavallos marinhos, que ha nos rios Coanza e Dande, e em Novo Redondo, podem fornecer boa copia de dentes d'este animal, cujo marfim, mais compacto e solido que o dos dentes de elephante, tem alem d'isso a particularidade de conservar por mais tempo inalteravel a côr branca; pelo que é muito estimado, posto que seja mais difficil de trabalhar. Os navios francezes vieram em outro tempo a Novo Redondo comprar este genero por contrabando.

As pontas de abada ou de rhinoceronte fornecem tambem um artigo de exportação.

Nos presidios de Ambaca, e de Pedras de Pungo Andongo, acham-se as pennas de marabu, que se vendem na Europa por bom preço para enfeites de senhoras, e que não devem desprezar-se.

Sam estes sertões povoados de grande variedade de aves e de passaros de muita estimação, e cuja exportação, posto que pareça insignificante, não deixará de dar algum interesse.

Finalmente as pelles de onça, de leão, e de outros animaes, e artigos similhantes de pouca monta, offerecem objectos de commercio, que

mais ou menos pódem contribuir para a prosperidade d'esta colonia.

As possessões coloniaes sam geralmente consideradas entre nós como especies de herdades, que de nada valem quando directamente não rendem sommas liquidas para o thesouro.

A utilidade e importancia das colonias não consiste todavia sómente no rendimento que d'ellas entra directamente nos cofres publicos, mas tambem nos lucros do commercio exclusivo que com ellas faz a mãi patria, nos empregos que ellas fornecem á população do paiz de que dependem, no alimento que dam á navegação nacional, na addicção que formam na massa das forças do estado, etc. Estas vantagens sam tão grandes que compensam exuberantemente, posto que de modo indirecto e pouco palpavel, a falta de rendimentos directos, e mesmo as despezas que com as colonias faça a metropole. Sem duvida é justo que as colonias contribuam, *podendo*, com uma quota proporcional aos seus meios, para as despezas geraes do estado de que fazem parte; porèm tudo quanto exceda uma proporção razoavel d'essa contribuição, será um abuso, que em ultimo resultado virá a redundar em perjuizo da nação. Cumpre pois não perder nunca de

vista que as colonias concorrem efficazmente para a riqueza nacional, ainda quando não rendam cousa alguma para o thesouro, e que quando rendam, uma parte de seus redditos se deve empregar em beneficiál-as. O systema de esprêmêl-as, é não só illiberal, mas impolitico e funesto.

NOTAS.

Nota A.

O *Journal des Débats* de 3 de Outubro d'este anno de 1838, nos offerece um artigo, que vem muito a pello para as questões de que tratamos. Nos extractos que d'elle fazemos achará o leitor outro exemplo notavel da differença dos tempos, no celebre projecto de despeza diaria de madame de Maintenon, para doze pessoas:

« Les révolutions politiques ne manqueront jamais d'historiens. La renommée que donne ce rôle brillant, les applaudissements des partis, les cent voix de la presse amies ou ennemies qui, par leur blâme ou par leurs éloges, concourent également à grandir le nom de l'auteur, tout doit nous rassurer sur la crainte de voir la postérité se plaindre de la disette des documents politiques, dont nos contemporains ne souffrent certainement pas. Quant à ces révolutions tranquilles et modestes qui n'ont point de chefs, point de séïdes fanatiques; qui sont l'ouvrage du temps, de l'industrie et des progrès de l'esprit humain, tout le monde en jouit, mais personne n'en parle; ou du moins, si l'on publie chaque jour les faits qui s'y rapportent, nul ne se donne la peine de les réunir pour en tirer la conséquence; et cependant c'est là peut-être ce qu'il y a de plus positif, dans notre siècle si amoureux du positif.

« Enfin voici venir la plus grande de ces découvertes qui sont des révolutions, puisqu'elle est la plus prompte. Pascal disait : *Les rivières sont des chemins qui marchent*. Les chemins de fer sont des chemins qui volent; et le pacifique commerce, étonné d'une allure si nouvelle, va justifier pour la première fois son antique symbole, jusque-là si souvent usurpé.

« Les peuples les plus avancés dans la civilisation considèrent l'économie du temps comme la plus précieuse, comme l'origine de toutes les autres économies. Les Américains ne rêvent que chemins de fer et canaux. L'Angleterre s'en occupe avec une ardeur presque égale, et fraïe en ce moment, à son commerce, une nouvelle route plus courte pour communiquer avec les Indes. Arriver plus vite, c'est partout et toujours la même question. Voyez combien la morale de ce peuple marchand est toujours subordonnée à ses intérêts. Tant que les colonies à esclaves sont une source inépuisable de richesses, il s'empare de toutes les colonies à esclaves; dès que l'apparition du sucre de betterave a fait prévoir le sort futur des colonies, l'Angleterre exige à toute force l'abolition de la traite des nègres. A peine a-t-elle reconnu qu'elle ne pourra jamais lutter de vitesse avec l'Amérique du Sud, dont tout le système agricole repose sur l'esclavage, elle prend le parti d'en finir d'un seul coup; et, sans plus attendre, elle émancipe le même jour tous ses esclaves, de même qu'elle employa jadis des moyens plus expéditifs pour ruiner Saint-Domingue. Maintenant, substituer le travail des hommes cuivrés au travail des noirs, la nouvelle route des Indes à l'ancienne, voilà son but, voilà son mot d'ordre.

« Certes, ce n'est pas cette dernière révolution qu'on peut mettre au nombre des révolutions pacifiques; elle doit être achetée au prix de nombreux désastres; et pourtant, dans un avenir plus ou moins éloigné, ses résultats tourneront au profit du grand nombre; car elle tend à diminuer le prix d'une

foule d'objets de première nécessité, et la foule, qui n'apprécie guère l'économie du temps, est beaucoup plus sensible à l'économie de son pécule quotidien.

« En effet, quand le prix de ces objets, qu'il faut payer comptant et tous les jours, vient à diminuer d'une manière notable, il faut convenir que c'est un grand bonheur; peut-être même le premier de tous pour ceux que ce bonheur n'empêche nullement de jouir de leurs autres droits.

« J'entends dire quelquefois : La vie, en France, est plus chère que jamais. J'ai même vu citer à l'appui de cette assertion le fameux budget de madame de Maintenon, daté de Versailles, en 1678. Pour établir une comparaison sur ce document, il faudrait tenir compte de la valeur de l'argent à cette époque ; je citerai cependant quelques lignes de ce budget parce qu'il me semble qu'on peut en tirer un autre enseignement.

PROJET DE DÉPENSE

PAR JOUR, POUR DOUZE PERSONNES.

« Monsieur et madame, trois femmes, quatre laquais,
« deux cochers et un valet de chambre :

« Quinze livres de viande à 15 sous la livre. .	11 l.	5 s.
« Pour du pain.	1	10
« Pour du vin.	2	10
« Pour du bois.	2	»
« Pour du fruit.	1	10
« Pour de la chandelle.	»	8
« Pour de la bougie.	»	10

« Je compte 4 sous environ pour vos quatre laquais et vos
« deux cochers; madame de Montespan donne cela aux siens.
« Je mets une livre de chandelle par jour, c'en sont huit, une
« dans l'antichambre, une pour les femmes, une pour les cui-
« sines, une pour l'écurie. Je ne vois guère que ces quatre

« endroits où il en faille. Cependant, comme les jours sont « courts, j'en mets huit; et si Aimée est ménagère et sache « serrer les bouts, cette épargne ira à une livre par semaine. « Je mets pour 40 sous de bois que vous ne brûlerez que « *deux ou trois mois* de l'année. Il ne faut que *deux feux*, et « que le vôtre soit grand.

« Je mets deux pièces de rôti, dont on épargne une le matin « quand monsieur dîne à la ville, et une le soir quand mon- « sieur ne soupe pas. Mais aussi j'ai oublié une volaille bouillie « sur le potage. On peut fort bien faire passer les quinze li- « vres, avoir une entrée de saucisses un jour, un autre de « langues de mouton, et le soir, le gigot ou l'épaule avec deux « bons poulets. J'ai oublié le rôti du matin, qui est un bon « chapon, ou telle autre pièce que l'on veut, la pyramide « éternelle et la compote. Tout ce que je vous dis là, posé, *et* « *que j'apprends à la cour,* votre dépense de bouche ne doit « pas dépasser 6,000 livres par an. »

« Ne considérons qu'une chose dans ces conseils donnés par une dame de la cour à son frère, qui avait épousé une fille de la maison de Noailles. Ce qui frappe d'abord, c'est que les grands seigneurs de ce temps-là se passaient d'une foule de choses qui semblent indispensables à la bonne bourgeoisie de nos jours. On est vraiment émerveillé de la simplicité du menu. Point de hors-d'œuvre, point de ragoûts, point de sauces, point d'épices. Quelle simplicité patriarcale et quel changement quand on songe à tout ce que les Anglais de nos jours entassent sur leurs tables de superfluités de ce genre! On n'y parle nullement du café (qui devait passer comme Racine); le chocolat semble chose aussi inconnue que l'Amérique avant la découverte de Christophe Colomb. Il n'est question ni de confitures, ni de crêmes, ni de conserves, ni de liqueurs, ni de vanille, ni de pâtisseries, enfin, d'aucune de ces sucreries déguisées sous mille formes et sous mille couleurs.

« Et les *deux* feux pour douze personnes; que vous en semble, honnêtes citadins de nos jours? Deux feux, s'il vous plaît, qui ne devaient durer que deux ou trois mois! Tandis qu'on se chauffe maintenant depuis le mois d'octobre jusqu'au mois de mai; je dis octobre pour ne scandaliser personne. Et les deux chandelles pour l'antichambre ne feraient-elles pas aujourd'hui une belle figure! et les cuisines qui doivent se contenter d'une chandelle pendant la belle saison! Tâchez de les mettre à ce régime dans une maison composée de trois femmes, quatre laquais, deux cochers et un valet de chambre; je vous laisse à penser également si les femmes se contenteraient de cet ordinaire; et si *Aimée* aurait fort à faire pour en économiser une livre par semaine!

« Oublions, si l'on veut, les économies de bouts de chandelles de madame de Maintenon. Mais concluons que nos besoins ont fait de terribles progrès, et que les propriétaires du château de Maintenon, qui appartient toujours à la maison de Noailles, ont dû dépasser depuis longtemps les limites de cet ordinaire.

« Je me souviens d'avoir entendu raconter par un très-aimable vieillard, ancien ministre de l'Empereur, quelle fut sa surprise le jour où il rencontra un exemple frappant de l'invasion du comfort dans nos mœurs. Arrivé fort jeune à Paris du fond de sa province, le futur diplomate avait pour correspondant un bon marchand de la capitale. Il dînait alors quelquefois chez ce marchand, dans une arrière-boutique un peu noire et fort enfumée, attendu que la salle à manger et la cuisine étaient contiguës. Parvenu depuis au faîte du pouvoir, le ministre se ressouvint de ses anciennes relations, et reçut un jour, avec la cordialité la plus franche, une invitation chez le fils de son ancien correspondant, qui continuait le même commerce dans la même maison; mais la ressemblance n'allait pas plus loin. Ici, comme partout ailleurs, la révolution était complète. Le fils du marchand avait loué le premier étage de

cette maison, dont le rez-de-chaussée suffisait jadis à son père. L'appartement était tendu de soie, et meublé par Jacob. Enfin, il y avait autant de différence entre le dîner du père et celui du fils, qu'entre le menu de madame de Maintenon et celui d'une femme de nos jours, qui aurait la même fortune et le même rang.

« A tout prendre, il me semble que nous ne devons pas beaucoup de pitié aux impôts levés sur la mollesse et sur la vanité. Observons d'ailleurs que ces dépenses nouvelles pèsent de tout leur poids sur ceux qu'on s'est longtemps obstiné à appeler les oisifs, tandis que les améliorations du bon marché tournent au profit de la classe des travailleurs.

« Il serait trop long d'énumérer les étoffes vulgaires et indispensables dont le prix est diminué depuis peu d'années, grâce aux perfectionnements de l'industrie. Ce qu'il y a de certain, c'est que sur un grand nombre de routes en France, on est parvenu à résoudre un problème dont la simple énonciation aurait paru jadis un paradoxe révoltant : toutes choses compensées, voyager à pied est aujourd'hui plus cher que de voyager en voiture.

« Revenons au superflu, *chose si nécessaire*. En supposant qu'il soit superflu de respirer quelquefois un air pur, aller vite est un plaisir de roi. N'est-ce pas d'ailleurs une satisfaction fort piquante que de se dire : Louis XIV, dans toute sa gloire, n'a jamais été à Saint-Germain aussi rapidement que j'y vais moi-même par le chemin de fer, en vingt-cinq minutes et pour 20 sous ! »

Nota B.

Em apoio das nossas opiniões citaremos e copiaremos algumas passagens do *Diccionario de Economia politica* de M. Ganilh, posto que nos não conformamos totalmente com

elle na reprovação absolúta das medidas prohibitivas. Verdade é que o autor se contradiz attribuindo justamente áquellas medidas a riqueza da Inglaterra, o que deixa duvidosa a sua opinião.

« On mit en question si chaque pays doit admettre ou re-
« chercher l'échange de ses produits contre ceux de l'étran-
« ger, ou s'il doit le limiter et le réduire aux seuls produits
« du travail national.

« On compte à cet égard trois opinions différentes.

« D'un côté on soutient que tout échange étant, comme nous
« l'avons vu, avantageux aux deux échangistes, la liberté gé-
« nérale et illimitée de l'échange est profitable à tous, et par
« conséquent, sans préjudice pour personne.

« D'un autre côté, on avance que si l'échange est avantageux
« aux deux échangistes, il ne l'est pas dans les mêmes pro-
« portions, d'où l'on a conclu que, pour rétablir l'égalité
« dans les échanges, il faut accorder aux producteurs na-
« tionaux une prime qui les protége contre les producteurs
« étrangers et les mette à couvert de dommage de la concur-
« rence étrangère.

« Enfin, on prétend qu'on ne doit pas tolérer l'échange des
« produits étrangers dans le marché national, parce qu'il ré-
« duit la production nationale, les progrès du travail et des
« capitaux, et, par conséquent, oppose une barrière insur-
« montable à l'amélioration des sources de la richesse du
« pays.

« Ce qu'il y a d'extrêmement remarquable dans cette der-
« nière opinion, c'est qu'elle est maintenant décriée et aban-
« donnée par les mêmes gouvernements qui ont fait le plus
« d'efforts pour s'introduire et se maintenir dans les mar-
« chés de l'étranger, qui ont pris les mesures les plus sévères
« pour exclure de leurs marchés les produits de l'étranger.

« Ainsi, trois systèmes sur la direction du commerce.

« Doit-il être illimité, limité ou concentré exclusivement
« dans chaque pays?

« Dans cette divergence d'opinion sur un sujet aussi impor-
« tant pour la richesse particulière et générale, une vérité
« prédomine, accorde et concilie tous les intérêts particuliers,
« et les fait concourir à l'intérêt général.

« Il est certain que dans quelque marché que l'échange s'ef-
« fectue, il est plus ou moins avantageux, selon que le marché
« est plus ou moins approvisionné de toute sorte de produits.
« L'intérêt de tous les échangistes est donc dans la liberté
« illimitée du marché. Chacun d'eux gagne d'autant plus
« qu'il peut choisir entre tous les marchés celui qui lui con-
« vient le mieux.

« L'intérêt du consommateur est exactement le même que
« celui de l'échangiste. Les produits qu'il consomme sont
« d'autant moins chers qu'ils ont moins coûté à l'échange, et
« ils ont d'autant moins coûté qu'ils ont été pris au marché
« où ils avaient le moins de valeur; d'où le législateur de la
« science a conclu :

« Que comme tout prudent chef de famille a pour maxime
« de ne jamais faire chez lui ce qui lui coûte plus cher à faire
« qu'à acheter; ce qui est un acte de prudence dans la con-
« duite d'une famille particulière ne saurait être un acte de
« folie dans la conduite d'un grand royaume.

« Quelque séduisant que soit cet exemple, et quelque
« succès qu'il ait obtenu, parce qu'il est en effet spécieux,
« il ne peut pas soutenir l'épreuve d'une critique raison-
« nable.

« Ce n'est pas assez que l'échange illimité ne nuise pas, et
« même soit profitable aux intérêts des producteurs et des
« consommateurs, il faut encore que cet échange ne favorise
« pas l'accroissement de la richesse et de la puissance d'un
« peuple aux dépens des autres, et ne soit pas un obstacle
« aux progrès de leur richesse et de leur puissance mu-

« tuelles ; or, c'est ce qui résulterait infailliblement de la li-
« berté illimitée de l'échange.

« Le peuple dont les produits lui ont coûté le moins cher,
« soit à cause de leur nature, soit à cause de l'habileté des
« ouvriers, soit à cause de la modération des taxes, soit à
« cause de la bonté de son gouvernement, soit à cause des
« lumières générales, soit à cause de l'avancement de la civi-
« lisation, a, dans l'échange illimité, une supériorité irrésis-
« tible sur les peuples qui sont privés des mêmes avantages.
« Quand de si grandes inégalités existent entre le producteur
« national et le producteur étranger, laisser le champ ouvert
« à la concurrence étrangère, ce serait réduire les produc-
« teurs nationaux à la triste condition de ne pouvoir placer
« leurs capitaux et leur travail que dans les emplois le moins
« productifs; ce serait exposer les pays pauvres, moins riches
« en capitaux, moins avançés dans les sciences, les arts et la
« civilisation, et soumis à un gouvernement moins éclairé et
« moins protecteur, à être les éternels tributaires de leurs con-
« currents, de leurs rivaux, et peut-être de leurs ennemis.
« Ce serait accroître la richesse des autres peuples dans des
« proportions supérieures à l'accroissement de la sienne : ce
« serait les rendre plus forts, plus puissants, plus redouta-
« bles, et, par conséquent, compromettre sa fortune et son
« indépendance.

« Mais s'ensuit-il de ces inconvénients, graves sans doute,
« qu'on doive exclure les produits étrangers des marchés na-
« tionaux? Cette conséquence serait aussi, et peut être encore
« plus fâcheuse que de les y admettre sans condition et sans ré-
« serve.

« Si chaque pays donnait l'exclusion de ses marchés aux
« produits étrangers, il serait privé de ceux qu'il ne peut pas
« produire, et sa richesse serait limitée aux facultés produc-
« tives de son sol, et à l'habileté naturelle ou acquise de son
« industrie; il serait stationnaire, ou plutôt réduit à une sta-

« gnation dont il ne pourrait jamais sortir. Sans aucun moyen
« de stimuler les classes laborieuses et industrieuses, de les en-
« gager à parcourir les divers degrés qui les séparent de leurs
« concurrents, ils végéteraient dans une indolente apathie dont
« on ne trouve que trop d'exemples sous les gouvernements
« prohibitifs.

« Il est donc aussi peu sage d'exclure les produits étrangers
« du marché national, que de leur ouvrir la concurrence
« libre et illimitée.

« Aussi est-on maintenant assez généralement d'accord
« qu'on ne doit admettre les produits étrangers dans le mar-
« ché national, qu'en les soumettant à une taxe qui protége
« les producteurs nationaux, sans cependant les soustraire
« entièrement à la concurrence étrangère.

« Quand cette taxe est bien calculée, elle élève les produits
« étrangers à un prix que les classes riches et aisées peuvent
« seules payer. La grande masse des consommateurs s'attache
« d'autant plus aux produits nationaux, qu'ils sont à meilleur
« marché, et par conséquent leur reproduction est assurée
« par leur consommation, et le pays n'éprouve aucun préju-
« dice dans son travail, ses capitaux et ses richesses.

« Alors les produits étrangers ne paraissent dans le marché
« national que pour exciter une heureuse émulation parmi les
« producteurs, favoriser les progrès de l'industrie nationale,
« et la mettre en état de soutenir la concurrence dans tous les
« marchés, but de tout gouvernement éclairé, pénétré de ses
« devoirs et convaincu des véritables intérêts de son pays.

« Mais on doit sentir que ce système, tout prudent qu'il
« est, ne peut et ne doit être que temporaire, et doit finir avec
« les causes qui l'ont fait établir et qui le justifient.

« Les taxes qui protégent les producteurs nationaux sont de
« la même nature que les autres taxes. Établies par la néces-
« sité ou par l'utilité, elles doivent être supprimées dès
« qu'elles ne sont plus nécessaires ou utiles. Comme celles sur

« les produits étrangers n'ont pu être imposées que dans la
« vue de protéger le producteur national contre la concur-
« rence étrangère, et jusqu'à ce qu'il fût en état de ne pas la
« redouter, *dès que ce but est atteint, ou qu'on a la certitude*
« *qu'on ne pourra pas l'atteindre, la taxe doit être suppri-*
« *mée;* autrement elle ferait peser sur les consommateurs une
« taxe au profit des producteurs, et cette taxe serait d'autant
« plus onéreuse qu'elle soumettrait le consommateur à la dou-
« ble charge de l'impôt et de l'élévation du prix des produits
« nationaux; et en ce sens, mais en ce sens seulement, on a
« eu raison de dire qu'un prudent chef de famille ne fait ja-
« mais faire chez lui ce qui lui coûte plus cher à faire qu'à
« acheter. » (Ganilh, art. *Commerce.*)

« Une seule difficulté reste encore sur ce sujet important,
« c'est de savoir si la protection des douanes doit être prohi-
« bitive ou seulement restrictive de l'importation des produits
« du travail étranger. Cette difficulté est d'une grande impor-
« tance, et mérite bien qu'on s'y arrête.

« La prohibition des produits étrangers établit un mono-
« pole au profit des produits indigènes, et tout monopole
« prive le pays qui le subit des avantages de la concurrence,
« ce mobile de toute industrie, de tout perfectionnement et
« surtout du bon marché; il la condamne à toutes les ca-
« lamités de l'ignorance, de la paresse et de la maladresse
« de l'ouvrier, réduit les grandes masses de la population à
« la misère, à l'indigence, et concentre les richesses dans
« le petit nombre des favoris de la fortune.

« Lorsqu'un pays en est réduit à redouter la concurrence
« des produits étrangers dans ses marchés, bien loin de les
« en exclure, il doit les y appeler en les assujettissant à des
« taxes calculées, de manière à en élever le prix assez haut
« pour que les classes riches et opulentes soient seules en
« état de concourir à leur consommation.

« Quand les choses en restent là, les produits étrangers « n'opposent pas un obstacle dangereux aux progrès du tra- « vail du pays. Partout les classes riches et opulentes sont en « petit nombre, ont peu d'influence par leurs consommations « sur les productions indigènes, ou du moins leurs consom- « mations des produits étrangers n'opèrent qu'une faible ré- « duction des consommations nationales.

« Dans ce cas les produits exotiques ne paraissent dans le « marché national que pour y exciter une émulation salutaire, « une rivalité généreuse, de louables et profitables efforts. « Tous les travaux, toutes les industries s'efforcent de se « surpasser, et cette lutte est le plus sûr garant de leur per- « fectionnement indéfini et de toutes les prospérités sociales.

« Il importe surtout que la taxe protectrice ne soit que « temporaire, et finisse au moment où l'industrie nationale « est en état de soutenir la concurrence de l'industrie étran- « gère, ou a perdu l'espoir d'y parvenir. L'intérêt du con- « sommateur doit être l'objet et le but de la prohibition pu- « blique, parce qu'il sympathise avec tous les intérêts, et « n'est jamais en opposition avec aucun. Quand le producteur « national n'est pas et ne peut pas être aussi favorable au « consommateur que le producteur étranger, il faut préférer « celui-ci à celui-là ; et c'est alors qu'il est vrai de dire qu'on « doit acheter de l'étranger tout ce qu'on ne peut faire aussi « bien, ni à aussi bon marché que lui. Tout ce que le con- « sommateur économise par le bon marché des produits étran- « gers seconde d'autres branches du travail national, et mul- « tiplie les moyens d'aisance, de prospérité et de richesse.

« Longtemps consacrées par la science, ces vérités ont été « constamment repoussées par le pouvoir, et ce qu'il y a de « plus fâcheux, c'est que le système prohibitif avait obtenu « parmi les peuples, les plus célèbres par leurs richesses, « des succès qui semblaient devoir opposer un obstacle in- « surmontable à l'adoption du système libéral.

« Mais à mesure que le système prohibitif s'est introduit,
« par la force de l'exemple, chez tous les peuples industrieux
« et commerçants, on a compris qu'il se détruit en se géné-
« ralisant, s'énerve par sa progression, et s'épuise par ses
« propres efforts. S'il convient en effet à un pays d'approvi-
« sionner les marchés des autres peuples, et de les repousser
« de ses marchés, les autres peuples ont les mêmes intérêts
« et les mêmes droits, et doivent, par leur exclusion mu-
« tuelle et réciproque, se restreindre au marché national.

« Réduit à ces termes, le système prohibitif isole les peu-
« ples, resserre leurs relations commerciales dans d'étroites
« limites, rend inutiles leurs progrès et leur supériorité dans
« tous les genres de production, et les prive de tous les avan-
« tages qu'ils auraient recueillis de leurs échanges.

« L'Angleterre, qui avait si longtemps mis à profit le sys-
« tème prohibitif, *et qui lui doit ses immenses richesses*, a
« la première aperçu la crise qu'allait opérer dans son com-
« merce la généralisation du système prohibitif, et elle a pu
« craindre qu'il ne lui fût aussi funeste qu'il lui avait été pro-
« pice. Dans cette position difficile et délicate, elle a fait de
« nécessité vertu, elle paraît disposée à l'abandonner, et ce
« qui doit paraître singulier, elle essaie de s'en faire un mé-
« rite aux yeux des autres peuples ; peu s'en faut qu'elle ne se
« flatte de leur persuader qu'elle leur fait un sacrifice de ses
« intérêts. Mais on peut lui prédire qu'elle n'abusera per-
« sonne ; le tardif hommage qu'elle rend aux principes de la
« liberté du commerce des peuples change son système sans
« lui faire rien perdre de ses avantages. L'incontestable supé-
« riorité de son industrie et de son commerce sur toutes les
« industries et sur tous les commerces, lui permet d'ouvrir
« ses marchés à la concurrence étrangère, sans en avoir rien à
« redouter; et si les autres peuples étaient assez imprudents
« pour l'imiter et lever les barrières qui lui ferment leurs
« marchés, elle tirerait de la liberté qu'elle proclame d'aussi

« grands et peut-être de plus grands avantages que de la pro-
« hibition ; mais on est maintenant trop instruit dans le monde
« commerçant pour ne pas savoir que, si tous les peuples doi-
« vent aspirer à la liberté du commerce, et si elle doit être le
« but et le terme de leurs efforts et de leur ambition, ils ne
« doivent s'engager dans sa poursuite que lorsqu'ils auront
« essayé leurs forces avec le bouclier du système restrictif, et
« qu'ils pourront se flatter d'égaler leurs concurrents. Jusque-
« là leur témérité les condamnerait à une éternelle infériorité,
« et leur fermerait la route des richesses qu'ils sont appelés à
« parcourir avec un succès dont ils ne doivent jamais déses-
« pérer. » (*Idem.*, art. *Douanes.*)

Nota C.

« L'un des points par lesquels nos sociétés modernes diffè-
« rent le plus des sociétés antiques est sans contredit la faci-
« lité des voyages. Voyager n'était possible autrefois qu'au
« patricien. Pour voyager alors, même en philosophe, il fal-
« lait être riche ; les commerçants allaient en caravanes payant
« tribut aux Bédouins du désert, aux Tartares des step-
« pes, aux petits princes perchés comme des vautours dans
« leurs châteaux bâtis aux défilés des montagnes. Alors, au
« lieu de la diligence anglaise, ou de la chaise de poste qui
« brûle le pavé, la litière ou le palanquin de l'Amérique es-
« pagnole, ou le chameau, ce *navire du désert*, ou en-
« core les quatre bœufs attelés au char tranquille et lent, et
« pour le commun des hommes ou pour les guerriers au corps
« de fer, le cheval. Alors, au lieu des somptueux paquebots
« ou des bateaux à vapeur, vrais palais flottants, la barque
« étroite et fragile poursuivie par les larrons sur les rivières,
« par les pirates sur les mers, et dont la vue arrachait à l'é-
« picurien Horace son exclamation de peur :

Ille robur et æs triplex
Circa pectus erat...

« Alors les routes étaient des sentiers étroits, escarpés,
« dangereux par les malfaiteurs, par les monstres des bois
« et par les précipices. Il fallait traîner avec soi un long at-
« tirail de bagage, de provisions et de serviteurs armés. De
« loin en loin le voyageur reposait sa tête chez les hôtes dont
« ses ancêtres lui avaient légué l'amitié; car alors point de
« ces hôtels confortables où moyennant son argent cha-
« cun peut s'entourer des jouissances de la vie et obtenir les
« soins empressés de serviteurs attentifs. S'il y avait quelque
« gîte public, c'était quelque sale réduit à la façon des cara-
« vansérails d'Orient, asiles misérables et nus où l'on ne
« trouve que l'eau et les quatre murs, ou dans le style des
« hôtelleries villageoises de l'Espagne ou de l'Amérique du
« Sud, ce qui est le juste milieu entre un caravansérail et
« une étable. Alors l'immense majorité des hommes, qui était
« esclave de nom et de droit, était de fait attachée à la glèbe,
« enchaînée au sol à cause des difficultés de locomotion.

« Améliorer les communications, c'est donc travailler à la
« liberté réelle, positive et pratique; c'est faire participer tous
« les membres de la famille humaine à la faculté de parcourir
« et d'exploiter le globe qui lui a été donné en patrimoine;
« c'est étendre les franchises du plus grand nombre autant et
« aussi bien qu'il est possible de le faire par des lois d'élection.
« Je dirai plus : c'est faire de l'égalité et de la démocratie.
« Des moyens de transport perfectionnés ont pour effet de
« réduire les distances non seulement d'un point à un autre,
« mais encore d'une classe à une autre. Là où le riche et
« l'homme puissant ne voyagent qu'avec une pompeuse es-
« corte, tandis que le pauvre qui va de son village au village
« voisin se traîne solitairement au milieu de la boue, des
« sables, des rochers et des broussailles, le mot d'égalité est
« un mensonge, l'aristocratie crève les yeux : dans l'Inde et
« en Chine, dans les pays mahométans et dans l'Espagne et
« son Amérique à demi arabe, peu importe que le pays s'ap-

« pelle république, empire ou monarchie tempérée. Le cul-
« tivateur ou l'ouvrier ne peut être tenté de se croire l'égal
« du guerrier, du bramine, du mandarin, du pacha ou du
« noble dont le cortége l'éclabousse ou le renverse. Malgré
« lui, le voyant venir, il s'incline respectueusement, servile-
« ment à son passage. Au contraire en Angleterre, en dépit
« des priviléges magnifiques et de l'opulence des lords, le *me-*
« *chanic* et le laboureur qui peuvent aller au bureau prendre
« leur *ticket* pour voyager en chemin de fer, pourvu qu'ils
« aient quelques shellings dans leur poche, et qui ont le droit
« d'être assis dans la même voiture, sur la même banquette,
« côte à côte du baronnet ou du duc et pair, sentent leur
« dignité d'homme et comprennent à toucher du doigt qu'en-
« tre la noblesse et eux il n'existe pas d'abîme infranchissable.

« Par ce motif on me ferait difficilement croire aux projets
« tyranniques d'un gouvernement qui se vouerait avec ardeur
« à percer son territoire et à diminuer les frais et la durée
« des transports. N'est-il pas vrai aussi que le long des grands
« chemins, des canaux et des fleuves, les idées circulent en
« même temps que les marchandises, et que tout commis-
« voyageur est plus ou moins missionnaire ? Les hommes do-
« minés par les convictions rétrogrades le savent bien. Ils
« n'ont garde, ceux-là, de favoriser les entreprises de com-
« munication : ils redoutent un ingénieur des ponts et chaus-
« sées presqu'à l'égal d'un éditeur de Voltaire. Et comme
« il est incontestable que l'un des premiers chemins de fer
« d'Europe a été établi dans les provinces autrichiennes, que
« l'administration impériale a ouvert de belles chaussées
« d'un bout à l'autre de ses possessions, et qu'elle encou-
« rage les bateaux à vapeur du Danube, j'ose en conclure
« que M. de Metternich vaut mieux que la réputation qu'on
« lui a faite sur la rive gauche du Rhin. Vous savez
« qu'au contraire, pendant le court ministère de M. de La-
« bourdonnaye en 1829, les études et plans de certaines

« routes projetées en Vendée disparurent sans qu'on ait pu
« les trouver depuis. Il y a quelques mois, dans l'un des
« états libres et souverains de la confédération républicaine
« du Mexique, celui de la Puebla, dont la législature a tou-
« jours possédé, il faut le dire, une colossale réputation
« d'ignorance et d'obscurantisme, les élus du peuple, animés
« d'une sainte colère contre des mécréans, presque tous
« étrangers, qui ont poussé l'esprit d'innovation sacrilége
« jusqu'à établir une diligence entre Mexico et la Vera Cruz,
« et à réparer la route entre ces deux villes, les ont frappés
« d'une taxe annuelle de 720,000 francs, et leur ont défendu
« en outre de percevoir aucun péage sur le territoire de
« l'état.

« Il y a un pays où un simple perfectionnement des moyens
« de transport par eau a opéré une grande révolution, qui se
« poursuit encore, et dont les conséquences sur le balancement
« des pouvoirs dans le nouveau monde sont incalculables.
« Ce pays, c'est la grande vallée du Mississipi, qui avait
« déjà été conquise sur les Peaux-Rouges et les bêtes fauves
« avant les travaux de Fulton, mais qui sans cet homme de
« génie ne fût jamais devenue un grand empire. »

(*Journal des Débats* du 27 juillet 1855.)

Veja-se a nota A.

Nota D.

Não cremos que haja pessoa alguma dotada da faculdade de discorrer, que se persuada de que o zelo e à pertinacia da Inglaterra para abolir o trafico da escravatura, proviesse simplesmente do amor da humanidade, ou de uma philanthropia pura e desinteressada. Entretanto é certo que não foi sem proveito que aquella potencia invocou em apoio da sua politica as sympathias das almas verdadeiramente virtuosas e sensiveis.

Deslumbradas pelas discripções patheticas e ardilosas dos horrores do trafico, discripções pelo menos exageradas, e calculadas para encobrir o verdadeiro motivo d'ellas, correram a alistar-se sob as bandeiras da philanthropia ingleza grande numero de pessoas de boa fé, que cuidavam fazer grande serviço á humanidade combatendo a favor dos projectos interesseiros, mas arteiramente apregoados como puramente philanthropicos da Gram Bretanha. Uma simples reflexão bastaria com tudo para desabusar esta credula e compassiva phalange. Por que razão não mereceram á Inglaterra igual zelo os escravos christãos das Regencias Barbarescas, os escravos do Egypto, da Persia, da Turquia, os servos da Russia, etc.? Será por ventura porque a côr preta melhor excita as sympathias britanicas? Mas deixemos esta questão, e supponhamos que não havia realmente na politica do governo inglez senão zelo puro e desinteressado, e horror não fingido do trafico da carne humana : *a abolição do trafico dos Negros é deshumana.* Esta proposição com quanto pareça nova e estranha, por ventura mesmo barbara e escandalosa, não deixa por isso de ser verdadeira. Com effeito, quem viu de perto os povos negros d'Africa, quem conhece a feroz crueza de suas leis e de seus usos, a immensa quantidade de crimes e de contingencias fortuitas que involvem a perda da liberdade, a tyrania feroz com que ali sam tratados os escravos, não póde deixar de reconhecer que o trafico, ou como mais propriamente se dizia em outro tempo, o *resgate* dos Negros, era um bem para a humanidade. A escravidão em terra de Christãos, por dura que seja, é sempre muito preferivel á escravidão em terra de Barbaros, e tanto é assim que havendo no Brasil grande numero de Negros forros, e partindo d'ali frequentes navios para a costa d'Africa, ainda não houve um d'aquelles Negros que quizesse voltar para a sua patria. A philanthropia sensata e bem entendida deveria portanto começar por civilisar a Africa antes de se occupar da abolição do trafico; mas seria isso possivel? Moti-

vos bastantes ha para o duvidar. Em Angola estiveram os Jesuitas, a quem se não póde negar o talento de civilisadores; ali estamos nós ha alguns seculos, e todavia os povos em trato e contacto comnosco acham-se hoje com pouca differença nò mesmo estado em que se achavam quando pela primeira vez aportamos áquellas regiões. Onde estam tambem os brilhantes resultados que se esperavam da famosa liberia dos philanthropos Americanos? Povos com tão poucas necessidades como as que tem a grande maioria das nações pretas d'Africa, sam rebeldes á civilisação. O Preto não carece, a bem dizer, nem de caza nem de vestuario para se defender das inclemencias da atmosphera, o seu sustento é simples e frugal, e pouco trabalho lhe basta para satisfazer a estas simples precisões. O clima que o Preto habita favorece naturalmente a preguiça, e não se compadece com a actividade spontanea. Nestes termos como trabalhará o Preto alem do stricto indispensavel para prover á sua parca subsistencia, se não tiver necessidades facticias a que queira satisfazer? Mas a que se reduzem as necessidades facticias que até agora se tem podido introduzir entre elles? Algumas louçainhas, missangas, armas, e o liquido fascinante da gerebita, que tanto prezam os povos selvagens. Mas não se creia que para obter os objectos mesmo que lisongeam a sua vaidade ou o seu paladar, o Preto seja capaz de se dar a grandes trabalhos, pois a estes prefere elle sempre a privação d'aquelles, e as doçuras da preguiça e da calaçaria. As necessidades facticias nunca para o Preto se transformam em verdadeiras, e em quanto isto assim fôr, como poderá a civilisação penetrar nos sertões africanos? Ora em quanto a Africa permanecer no seu estado actual de barbaria, o resgate dos Negros escravos, ou a mudança de senhor barbaro para senhor civilisado, que vem a ser o mesmo, parecerá um acto de humanidade a todo o homem despido dos prejuizos de uma falsa philanthropia, e que vir as cousas como ellas sam, e não como o interesse e a paixão as pintam. Os males e inconve-

nientes do trafico dos Pretos, e sobretudo do trafico em quanto foi licito e sujeito á vigilancia das autoridades, e ás disposições beneficas da lei (1), não redundavam em prejuizo dos Pretos, mas sim dos povos que os admittiam em seu gremio. Considerado por este lado, o trafico deveria certamente cessar quanto antes, mas olhado philanthropicamente, a sua cessação, em vez de ser um bem, é um mal para a humanidade.

Tem-se dito e crido de leve, que o trafico da escravatura era um incentivo, e uma causa de frequentes guerras dos Pretos; como se quem move a guerra podesse estar certo da victoria, quando aliás nada ha tão incerto e dependente de contingencias fortuitas, de acasos não sonhados, e dos favores da fortuna. O potentado que fizesse guerra por especulação, para colher captivos, não podia deixar de prever que, se a sorte lhe fosse avessa, caïria elle e seu povo no captiveiro que ao inimigo preparava. Com igual logica se poderia dizer que o trafico da escravatura era estorvo e impedimento de guerra, pelo horror salutar do captiveiro a que ficavam inevitavelmente sujeitos os vencidos. Na verdade com melhores intenções, nunca se propagaram tantos erros, nem se disseram tantos disparates, como nesta questão da escravatura!

(1) Aquellas disposições consistiam na arqueação official e previa do navio para impedir que não levasse maior numero de Pretos que o correspondente á sua capacidade, na visita dos mesmos Pretos para obstar a que não fossem alguns tocados de molestias contagiosas, na revista dos mantimentos e da agoada para que não faltassem, nem fossem de má qualidade, na obrigação de levar capellão, cirurgião, botica bem provida, etc.

FIM.

ERRATA.

Pag.	l.		*lea-se* :
Pag. 5,	l. 8,	envergonha,	*lea-se* : envergonhe.
17,	3,	externo,	interno.
32,	10,	mutação,	mutuação.
84,	23,	objecto,	objectos.